

LLOYD INDUSTRIAL

SUL-AMERICANO

S. A. de Seguros Geraes

CAPITAL

3.000:000\$000

AGENTE:

Geraldo von Söhsten Junior

End. Teleg. "INLOD"

Caixa Postal 580

Séde A. Rio Branco, 47

Rio de Janeiro

"O Jornal"

Importante diario carioca collaborado por Lloyd George, Raymond Poincaré e Bernard Dernburg --Serviço telegraphico de todos os paises do universo -- Secções de sciencia, arte, literatura, politica, agricultura, commercio, finanças, etc.

ASSIGNATURAS

1 ANNO . . 45\$000

6 MEZES . 25\$000

3 MEZES . 15\$000

Representante geral para o Estado da Parahyba:

Alpheu Domingues

RUA GAMA E MELLO, 61.

O juramento

Humberto de Campos

— Nunca mais, meu prezado senhor, tive tranquilidade na minha vida; e vinte séculos que viva, vinte existências que tenha na terra, serão para pagar com o remorso de cada dia, ou, antes, de cada noite, o horror daquela vingança!

O «Cap Finisterre» havia deixado, na véspera, o porto do Havre, quando travámos relações eu e aquelle cavalheiro, no «bar» do navio. Era um homem velho, magro, de grande ossatura, typo de Quixote dos Pampas, a que não faltava, sequer, a barbilha comprida e rala, suja como a dos bozes. Não obstante os mezes passados no

clima suave da Europa, a sua pelle conservava aquella tonalidade escura e aspera das feições cortadas do vento e do sol. Os olhos meados, vivos, desconfiados, escondiam-se nas orbitas fundas, sob as sobranceiras pesadas, como duas onças em duas furnas, mascaradas de herva grosseira. Chamava-se don Ramon Gonzalez y Gonzalez, e era, dizia elle, industrial à margem do rio Bermejo, no extremo-norte da Argentina. Possuia, alli, serrarias de madeira, além de algumas fazendas de gado no sul, onde vivia ultimamente, em lucta, sempre, com a natureza bravia.

O caso, porém, que me atormenta a vida, meu caro senhor, occorreu no norte, há trinta annos. Eu tinha, então, quarenta.

A noite estava linda, como, em geral, as noites do estio, ao largo da costa franceza, a entrada do Atlantico. Uma lasca de lua,

fina e loura, tomava posse do céu, em nome de Mahomet, dando-lhe, com as suas estrelas, a feição do grande pavilhão turco. De baixo, do bojo do navio, subia o ronco fatigado das machinas, no esforço esclerótico das caldeiras. E, de quando em quando, o ruído frêsko de uma vaga arrebetada no costado do navio, e cahindo de novo, em forma de chuva grossa, sobre as espumas de outra onda nascida para morrer.

— Foi em Corrientes que eu a conheci — começou o ancão, enquanto virava o seu terceiro «whisky and soda». — Filha de um velho amigo meu, era quasi menina, quando a vi, na visita que fiz ao pae, meu antigo companheiro de collegio. E, o regressar a Conceição del Bermejo, onde ficavam as minhas propriedades, levava-a nos olhos, na alma, no coração. Chamava-se Consuelo, e era candida e fugitiva como as espumas deste oceano que rebenta lá fóra. Tama-nha foi, em summa, a impressão que me deixou, que um mez depois, eu regressava a Corrientes, para pedir-lhe a mão em casamento.

— Casou...

— Não; não casei. Consuelo não quiz, e o pae, vendo-a vinte e quatro annos mais moça do que eu — ella andava pelos desseis — não a contrariou. Conformei-me com isso, mas pedi-lhes que se conservassem meus amigos; que me não esquecessem; que me olhassem como um parente: que me fossem, enfim, visitar em Concepción, para que não ficasse, de tudo aquillo o menor resentimento. Dentro em mim, porém, rugia o jaguar do egoismo, o despeito do leão velho, que não pudera devorar, como sonhára, a corça tenra que vira na campina. Aquelle coração havia de, um dia, pertencer-me. Era o meu juramento de morte.

Bateu na mesa, com a sua grande mão de esqueleto, e pediu:

— «Garçon, outro «whisky»! Limpou a bocca com as costas das mãos, como quem está habituado a beber nas tabernas ou no campo, as pressas, sobre o dorso de um camello. E continuou:

No fim do anno, em dezembro, foram a Concepción, visitar-me, o pae e a filha. Cerquei-os de gentilezas, de festas de carinho. Fazíamos passelos longos, os três. E foi em uma destas que se deu a desgraça.

— A desgraça?

Sim, senhor. Tíhamos planejado uma visita ao alto Soledade, onde eu havia adquirido uma grande extensão de terras, para extracção de madeiras. O senhor não conhece o alto Bermejo... Conhece? Era floresta virgem, soturna, impenetrada. Desembarcámos em Guahija, pequeno porto para exportação de lenha, entrámos pela matta, viajando a manha toda. O senhor não imagina o que são aquellas mattas! Eu

Companheiros inseparáveis
**WAHL PEN
EVERSHARP**

PONTA estriada no Ever-sharp, cylindro de metal na caneta Wahl, e identico desenho em ambos, identificam os melhores utensilios de escrever.

Ha-os gravados com os mesmos desenhos artisticos. Os que convem no tamanho, estylo e preço, encontram-se entre elles.

CASA PENNA

Os genuinos levam o nome gravado. Isso os garante.

THE WAHL COMPANY
Nova York E. U. A.



ERA NOVA

FABRICA POPULAR

DE FERREIRA AMORIM & C.

CASA FUNDADA EM 1875

Toda movida por Electricidade

**Especialistas das afamadissimas
marcas de cigarros:**

Deliciosos, Populares, Epitacio Pessoa, Santos Dumont, Amorim, Simeão Leal,
18, Isis, Smart, Dulco, Dalva, Mary, Guarany, Perolas Finas, Morenos, Palha, Cor-
tiça, Hilda, Commercial, 5 de Agosto, Glóbo, Vencedores, Condor, Victoria, Presidente
Wilson, Perlitas, Lucy, Pernambuco, Diva, Dantas Barreto, Castro Pinto, Solon de Lucena,
Nabuco, Progresso, Buquets, Ambreados, Cigarreiros Bahianos, Electra, Brasil Club, Marietta, Ve-
nancio Neiva, Albertine, Chumbados, Roque, Venturosos, Mimosos, Victoriosos, High-Life, Daniel, De-
lizados, Estrella, Orion, Circulares, Mascotte, Fidalgos, Santo Antonio, Dois Amigos, Sem Rival, e outras
innumeras marcas. — Fabricados com fumos de primeira qualidade.

Mantem sempre grande stock dos charutos Dannemann e Stender, da Bahia,
e variados artigos para fumantes, os mais exigentes.

TRABALHAM EM SUAS OFFICINAS, 340 OPERARIOS.

Endereço Teleg.: POPULAR

CAIXA DO CORREIO, 58.

RUA MACIEL PINHEIRO N. 133

PARAHYBA DO NORTE

CASA MORTUARIA

DE

J. Barros & Serrano

Fabrica de velas e colchoaria — Garage
S. João, de automoveis e carros.
Completo sortimento de artigos funebres.
Armadores e decoradores.
Confeccionam altares para baptisados e casamentos e preparam eças — Autos e carros funebres de 1.º, 2.º e 3.º, para adultos e creanças.
Aceitam chamados para fóra da Capital e abre a qualquer hora da noite, podendo ser procurado na rua Duque de Caxias n.º 340 ou na avenida Pedro II residencia de José de Barros Moreira.

MIUDEZAS E PERFUMARIAS.

ODILON MARTINS DE
MESQUITA

RUA MACIEL PINHEIRO, 38

Endereço Teleg. — ODMESQUITA

Caixa Postal, 45.

PARAHYBA DO NORTE

Sapucaia-Oroca

Extrahido de «Lembranças e Curiosidades do valle do Amazonas» pelo conego Francisco Bernardino de Souza. — Colligida por José Coutinho de Oliveira para o seu volume «Lendas Amazonicas», publicado em Belém, no anno de 1916 e editado pela «Literaria Classica» do sr. J. B. dos Santos da mesma cidade.

SAPUCAIA-OROCA é uma pequena povoação á margem do rio Maheba.

Em um sítio da localidade em que se acha assentada, referem os indios que existiu outrora uma outra povoação, muito maior do que esta, e que um dia desapareceu da superficie da terra, suplantando-se nas profundezas do rio.

1.º que um dia os indios, que então habitavam, levavam vida desordenada e má e nas festas que em honra de Tupana celebravam, entregavam-se a danças tão lascivas e cantavam cantigas tão impuras, que faziam chorar de dor os anjos-laromas, que eram os espiritos protectores que por elles velavam.

Por vezes, os velhos e inspirados pajés sabedores dos segredos de Tupana, haviam-lhes advertido de que tremendo castigo os

ameaçava, se não rompessem com a pratica de tão criminosas abominações.

Mas, cegos e surdos, os muros não os viam nem os ouviam.

E, pois, um dia em meio das festas e das danças e quando mais quente fervia a orgia, tremeu de subito a terra e na voragem das aguas que se erguiam, desapareceu a povoação.

As altas barraças, que ainda hoje alli se vêem, attestam a profundidade do abysmo em que foi arrojada a povoação e os reprobos...

Depois, muitos annos depois, foi que não ponde attingir o grão de esplendor da que fóra submergida.

Foram de novo habital-a os muros; mas em breve, por entre a escuridão da noite começaram a ouvir, transidos de medo, como o cantar sonoro de gallos que incessante se ergulam do fundo das aguas.

Consultados os pajés venerandos, que prescrutavam os segredos do destino, declararam estes que aquelle cantar de gallos, ouvido em horas mortas da noite, provinha daquelles mesmos anga-turamas, que depioraram outrora a miserriima sorte da povoação submergida e que sempre protectores da tribu dos muros, serviam-se do

canto despertador dos gallos da Sapucaia-Oroca (1) submergida, para recordarem o tremendo castigo por que passaram os seus maiores e desviarem a nova geração dum perigo de sorte igual.

E' este o facto que deu origem ao nome da povoação — Sapucaia-Oroca.

(1) Gallinheiro.

Entre bohemios

— Empreguel-me.
Que fazes, então?
— Vendo moveis.
— Por enquanto so os muros.

Qual o motivo?

Menino: — Papae, porque a gente fala sempre de lingua materna e não de lingua paterna?

Pae: — Isso é porque as mães têm sempre mais que falar do que os paes.

Por enquanto as mais baixas...

Chegam as férias e o Carlito vem para casa com um premio ganho no exame de Geographia.

— Dize-me, meu filho, qual é a montanha mais alta do Brasil, pergunta-lhe o pae.

Ainda não chegamos ahi; por ora aprendemos somente as montanhas mais baixas.

SYPHILIS!!!

ABORTOS! CHAGAS! INVALIDEZ!
RHEUMATISMO! ECZEMAS!

UM KÖRROR!!!

A Syphilis produz Abortos, enche o corpo de Chagas, destrói as Gargantas, faz os filhos Deformados e Paralyticos. Produz Tícaras, Queda do cabelo e das unhas, faz os pontos Papulosos! Ataca o Coração, o Baço, o Fígado, os Rins, a Bexiga, a Uterina, produz o RHEUMATISMO, Furúnculos das orelhas, Eczemas, Erupções da pele, Feridas no corpo todo, a Cegueira, a Loucura, enfim, ataca todo o organismo. Elimina a Syphilis de casa porque não fazendo fôrça não há Alegria.

ELIXIR 914! O melhor Depurativo do sangue. Deve ser usado em qualquer manifestação da Syphilis e da Toxa.

ATTESTADOS:

É o único Depurativo que tem attestações dos Hospitais de especialistas dos Olhos e da Dermatologia Syphilitica.

CAMINHENTOS:

Não se queira sem primeiro tomar 4 vidros de ELIXIR 914. É o mais barato de todos os depurativos porque faz efeito desde a 1ª vidra.

UNIVERSAL LABORATORIO S. PAULO - SP



UNIVERSAL LABORATORIO S. PAULO - SP

LEIAM MAIS!.....

O ELIXIR 914 não é só um grande Depurativo como um energico preparado contra a Syphilis, porque contém Hermetizante a qual destrói os microbios do sangue. É o unico sal que deve ser usado por via gastrica pela sua ação bactericida e porque não ataca a estomago nem os dentes, não produz erupções, ao contrario, cura e faz desaparecer as feridas. Não contém arsenico nem indureto, sendo inoffensivo ás crianças.

O que o doente sente com o uso do ELIXIR 914:

Apetito, regularidade dos intestinos, melhorando o que soffria de prisão de ventre. Desapparecimento de todas as manifestações syphiliticas especialmente do Rheumatismo e affecções dos Olhos; finalmente a saúde em pouco tempo.

Não deixe para amanhã, comece hoje mesmo a tomar o ELIXIR 914.

Vende-se em todo o Brasil e nas Republicas do Prata.

NOTA: — Envia-se um livrinho scientifico sobre a syphilis e doença do sangue, GRATIS, a toda a pessoa que o desejar. Pedidos a Caixa 2 C — São Paulo.

App. pelo D. N. S. P. sob n. 26, em 21 de fevereiro de 1916.

tenho a impressão de que as selvas do seu Amazonas são assim. Árvores que dois homens não abraçam cerram fileiras, uma ao lado da outra, numa extensão de centenas de kilometros. E, lá em cima, sobre essas milhares de columnas poderosas, é o tecto verde e fechado, que não deixa passar gota de chuva e que o sol só atravessava, ao meio dia, em fôrça de claridade.... E começava a entardecer, quando fomos assaltados pelos indios xarapinha, que são os mais terríveis de toda região.

— E então?

— Então, foi o infôrto. Presos, enfileirados com cipós, fomos conduzidos ao

acampamento do indigena, sete leguas adiante, matto a dentro.... E como me recordo ainda, dessa travessia pela floresta, a tarde toda, e depois noite fechada! Olhos arregalados de terror, os pulsos arroxeados pelos cipós, Consuelo não tinha uma lagrima, e caminhava mais arrastada do que pelos seus proprios pés. Os cabelos, os seus lindos cabelos negros e lãrios, libertos da opressão do chapéu de feltro, rolavam-lhe pelos hombros, pelo collo, pela testa, cobrindo-lhe, ás vezes, o rosto todo: E abrindo um parentesco na narração:

— O senhor já viu coisa que mais excite um homem, despertando-lhe toda a bestialidade, do que o corpo da mulher martyrizada? Semi-nua, com os lindos seios morenos pulando quasi da camisa estarrapada, o collo arranhado, o rosto porejando sangue, pelo esforço physico e pelo pudôr, Consuelo acordava-me na alma de nanico, sem esperança um pensamento diabolico. Eu marchava para a morte, mas marchava calmo, resignado, feliz. Talvez não trocasse, naquella momento, aquelle caminho, recheado de espinhos dilacerantes, pelo mais florido da terra!

Outra incidencia:
— Porque, o senhor sabe, acaso, o que é amar uma creatura, sabendo que nunca a

BAZAR PARAHYBANO

GUARABIRA

FILIAL EM PARAHYBA

7, Rua Maciel Pinheiro, 7.

Completo sortimento
de LOUÇAS E VIDROS

PREÇO RESUMIDO

Hermenegildo P. Cunha

CASA POPULAR

de L. DONIZETTI & Comp.

Completo sortimento em fazendas, miudezas, perfumarias, roupas, etc. — Especialidades em chapéus de palha, ultimas novidades, gravatas, camisas, phantomas, cretones, molins e outros artigos para homens, senhoras e crianças. Preços reduzidos.

Matriz: Rua Beaurepaire-Rohan, 287.
Filial: Rua da Republica no. 654 e 485.

PARAHYBA DO NORTE

rá? Já imaginou, porventura, o que saber, conhecer que a mulher que se te adora, e que nos despreza, vai nos braços de outro homem, dando a ti, com o seu beijo, com a flôr do seu moço, a felicidade que sonhámos de? Se sabe, se imagina isso, não entender a minha serenidade, ao ver a ausência de ser destruída, sem crime, sem parte, e para sempre, a taça em que pretendia beber... Consuelo não tinha, não me daria o seu beijo, o corpo, mas também, não pertenceria, mais, a ninguém...

Encheu as mãos, nervosamente, nos cabelos grisalhos, arrepiados no

craneo, como as pennas da crista de um pavão, e resou:

— Anthropophagos, os xurupinás devoraram, nesse mesmo dia, os dois homens da condução. No dia seguinte, pela manhã, comeram o meu amigo. Restavamos eu e Consuelo.

Uma pausa, e tornou:

— A mim, eu sabia que me não devorariam tão cedo. Eu estava abatido, cadavérico. A paixão devorava-me secretamente, como o fogo ao algodão. Estava quasi ossificado. E eu sabia que o indio não come, nunca, a presa sem as condições. Prefere engordar a cravar a, deixando-a durante semanas, durante meses inteiros.

E a moça?

— Consuelo era linda e forte. Vi quando a mataram, com uma pancada vigorosa no craneo... Como são feios os miolos parecendo, ensanguentados, entre a pele dos cabellos!... Vi quando o seu sorriso redondo, tão riado, tombando do olho na areia do chão, onde um velho chorro o tomou nos dentes, indo devorá-lo escondido... Vi quando a esquartejaram, quando a retalharam, quando a distribuíram em pedaços sangrentos, impassível, como um sonho, eu via tudo. E só depois do meu pasmo, quando um dos indios, chefe, que tostava o seu pedaço na fogueira fumacenta de gordura, me veio perguntar, em um gesto, que pedaço eu queria. O chefe mostrou-me com a mão, sobre as suas costas, mostrando, com tanta a mão me mostrou, mostrando, em um dos quadros, aliada, um gesto que eu lhe dêra; e eu, com os pés, mais devorado e com as cartilagens penduradas; as vísceras; a cabeça quasi esphacelada, pendurada a um estalho pelos cabellos; a sua perna; a sua coxa; um dos seus braços mais lindo que eu não visto... Indiquei um pedaço de carne, que apparecia, repugnante, entre as vísceras, e qual me foi trazido, e que eu mecei também a devorar.

Entrevi tudo, e cochilei, enquanto arrepiado de horror me sacudia:

— Era o coração. Havia comido o coração...

E, batendo com força, na mesa:

— "Carpe, carpe, duplo!"

Continuou...

A Rússia então commoeda ante a tal e tal situação humana e intelectual; de tal e tal modo sobre as almas brancas e escuras...

Então, ao sabê-o, crispou os punhos em tipo damnado:

— "Carpe!" é preciso acabar com esse pato sentimentalismo! Uma revolução humanitaria é ridícula.

E com um gesto decisivo de vingança, lançou em todos uma convicção profunda:

— "Temos que aniquillar de apiedada os nossos inimigos!"

ALFAIATARIA ZACCARA



ELEGANCIA

E

PERFEIÇÃO

II

ULTIMA MODA

II

Sob a direção
perfeita de
habeis cor-
tadores
italianos

ZACCARA & C.

Um escriptor gentil-homem

Por que fosse, n'A Reliquia, um revoltado contra a hypocrisia religiosa, e por que haja escripto algumas paginas de um realismo nutrido julgando excessivo e impudico, n'Os Maias e no Primo Basilio, a personalidade literaria de Eça de Queiroz tem sido muitas vezes mal interpretada entre nós e tambem em Portugal.

O seu bello realismo ficara, todavia, para todo o sempre muito preferivel as lettras doctas de sr. Victor Marguerite, na França, e de muitos escriptores brasileiros.

O subtil e nervoso e requintado que trouxe a vida elegante de Carlos de Maia e o seu drama amoroso, o romancista que por a honesta Laura nas bracos concupiscentes do primo Basilio, e por fim, o mesmo que escreven essas lindas e eternas paginas d'A Cidade e as Serras, que hão de ficar na literatura latina como o mais suave e perfeito poema de elogio a natureza.

Eça está agora em franca actualidade em Portugal, onde uma recente enquette, realizada por uma revista de Lisboa, o declarou o escriptor preferido pelo publico, entre os antigos.

O sr. Mario de Albuquerque fez para um jornal do Rio o seguinte artigo a proposito da litteratura sempre actual e sempre brilhante:

Eça de Queiroz teve, por instincto e por educação, o nobre segredo da elegancia. Nasceu escriptor e nasceu

MIUDEZAS

E PERFUMARIAS.

ODILON MARTINS DE
MESQUITA

RUA MACIEL PINHEIRO, 38

Endereço Telegr. — ODMESQUITA

Caixa Postal, 45.

PARAHYBA DO NORTE

CASA MORTUARIA

DE

J. Barros & Serrano

Fabrica de velas e colchoaria — Garage
S. João, de automoveis e carros.

Completo sortimento de artigos fúnebres.
Armadores e decoradores.

Confeccionam altares para baptisados e casamentos e preparam egas — Autos
e carros fúnebres de 1.º 2.º e 3.º, para
adultos e crianças.

Acceitam chamados para lora da Capital e abre a qualquer hora da noite,
podendo ser procurado na rua Duque de
Caxias n.º 340 ou na avenida Pedro II
residencia de José de Barros Moreira.

dandy; mas como dandy e como escriptor foi-se corrigindo longamente, com delicada paciencia. Cinzelou-se a si proprio da mesma forma como cinzelou suas phrases, devagar, em insatisfeitas ancias de perfeição.

Para a sua radiosa alma, uma attitudé descomposta seria uma pagina diabolicamente mal-escripta. Não soffreu da egotaria feroz e impertinente dos homens de lettras. O mais incólle dos literatos julga-se o eixo do mundo e considera-se posto pela natureza, ou mesmo por Deus, acima dos homens e das leis. Todos têm uma costella de tinamuno. Parece inventada para os literatos modernos a hellenica allegoria de Narciso.

Um diplomata dos alpidos paizes do norte, com quem Eça de Queiroz viveu em intimidade durante os longos annos de Inglaterra, ficou surpreso, vendo as photographias da estatua do grande romancista, por este nunca lhe ter dito que era escriptor. Manteve em Paris a mesma fidalga reserva. Recusou-se a conhecer, por systema, homens de lettras. Não quiz surgir, como auctor, a quem o não poderia ler pela ignorancia da lingua em que seus livros eram escriptos. Esta altiva elegancia é bem differente da ruidosa cabolinagem de todos os dias, que clama e atropela, sacudindo as obras em grandes pregões de dentistas de feira. Só espiritos como Eça de Queiroz conseguem manter constantemente o primoroso dandysmo.

Seus gestos eram harmoniosos como seus periodos; tinham uma fidalga cadencia. Tudo nelle obedecia a um rythmo interior e musical. Dominou-o sempre, na arte e na vida, a ática preocupação das proporções. Certos exhibicionismos que tenhos eram-lhe insupportáveis; abriam-lhe sulcos na alma

MERCEARIA MODÉLO

CASA DE PR. M-IRA ORDEM

IMPORTAÇÃO DIRECTA

de bebidas finas, conservas, salames, presuntos e fructas.

Especialista em vinhos, liceres, bombons e doces.

J. Honorato & Cia.

CAIXA POSTAL, 67.

Telegraphis MODÉLO Telephone, 250.

R. Maciel Pinheiro, 123.

* * PARAHYBA * *

Hotel "Luso Brasileiro"

OPTIMA SITUAÇÃO, DEFRENTE DA "O. WESTERN". COZINHA DE 1.ª ORDEM. DORMITÓRIOS HYGIENICOS.

Gerente: CLAUDIANO MAIA

JORNAL E REVISTA

Recebemos e agradecemos a remessa dos seguintes:

A União — Capital — Parahyba
Correio da Manhã — Capital — Parahyba
Commercio da Parahyba — Capital — Parahyba
O Combate — Capital — Parahyba
A Imprensa — Natal — R. G. do Norte
Folha do Povo — Natal — R. G. do Norte

Diário do Estado — Recife — Pernambuco.
O Supplemento — Buenos Aires — Argentina.
La Novela Semanal — Buenos Aires — Argentina.
Correio da Ceará — Fortaleza — Ceará.
O Rio de Janeiro — Rio de Janeiro — Parahyba.
Illustração Polittica — Rio de Janeiro — R. G. do Sul.
Jornal do Norte — Natal — R. G. do Norte.
O Commercio — Manaus — Amazonas.

como as multidões sempre grossceiras ao desolado Jacintho do 202.

Mesmo nas polemicas, conservou a grave compostura de um esgrimista de raça, sem jamais perder o alinhio num gesto menos perfeito ou um dito menos correcto. Ataca como quem maneja sabiamente uma espada.

Em uma das cartas a Pinheiro Chagas, em que a graça attingia o maximo, escreveu os seguintes periodos, que bem se podem tomar como synthese de sua attitudo na vida: «Os grandes ares de sabichão, como os ares de ricasso, como os ares de valentio, passaram totalmente de moda. Há hoje nas sociedades cultas um tom geral de bom gosto, de ironia, de fino senso, que põem bem depressa em seus logares os fanfarrões da sabedoria, do milhão e do musculo».

Em uma biennala breve podemos dizer que a posição de seu espirito era de humorismo transcendentalizado (misto de ironia e de piedade) como do bom capitão Alvaro Vaz, escreveu o grande mestre que foi Oliveira Martins.

Denotava sua grandeza por cima da pobreza dos humildes e de certas lutas dos ricos. Por exemplo, o luxo inconsciente, o luxo petulante do marquezinho de Blandford, consternava-o quasi tanto como a desolação de uma creança abandonada.

O marquezinho de Blandford deitava de ser neto do sr. de Matherough, o alegre e gentil batalhador que em dez campanhas victoriosas contra o colossal Lais XIV, «destrôe o prodigio militar da velha França», para se tornar exclusivamente neto do norte-americano Vanderbilt. Sonoramente o tinar de uma escassa e bellas vozes das armas.

O mundo do pobre camponês foi uma afflictiva expulsa de dinheiro associada pelo telegrapho á insaciavel voracidade das terras.

Com aristocratica sensibilidade, Eça de Queiroz fez o paralelo de todo esse terrero explodir com a sobria elegancia que o português tem no 2.º mil, em vez de uma Vanderbilt orgueilleuse, teve uma senhora da fidalga casa de Northumberland, uma Cecil, uma Arundel: «de certo, gordo e velho, de grossas um bocado antes de engatinhares, nem sei como para a ligeira tosa de marcos algebeira — mas deitadas em um confortável berço entre uma velha, elegante e calada raposa, tranquillamente dormiam sem que o teu somnolento fosse entagado e tu casava quasi maculada com este brutal e insublime fogar de milhões revolvidos, alardeados, fustigados, atrevidos das janelas para que o mundo saiba que tu és muito rico e que Vanderbilt é teu avô!» Fiz esta

LEGITIMOS

Bandeiras Napolitanas

— RECEBEU A —

CASA VESUVIO

— DE —

VICENTE RATTACASO & COMP.

Rua Maciel Pinheiro, N. 163.

O rio São Francisco

Dos rios genuinamente brasileiros, é o SÃO FRANCISCO um dos maiores e mais importantes.

A sua influencia de grande rio em territorio brasileiro é exercida quasi inteiramente sobre o commercio interior e a lavoura ou agricultura. Comunicando diversos e importantes municipios dos Estados que atravessa e limita tem a via C. Francisco importante papel a desempenhar, não é, lugar commercialmente entre mesmos municipios e desenvolver a agricultura que em suas fértilissimas margens

está sendo desenvolvida com bom exito dos plantadores.

Quanto ás forças hydraulicas desse rio, podemos affirmar é das mais poderosas que existem; rio quasi todo encachoeirado como o São Francisco, é facil de comprehender que essas aguas só poderão possuir uma força extraordinaria, mesmo dinamica.

O curso avaliado do rio São Francisco é de 3.161 kilometros, e o seu maior affluente é o rio das Velhas, que possui um leito de aproximadamente 1.135 kilometros.

A nascente verdadeira do rio São Francisco é em um valeão tallado a pouco que fica situado na Serra de Canastra, no Estado de Minas Geraes.

O rio São Francisco pertence á Bacia Cen-

tral do Brasil e limita os Estados de Alagoas e Sergipe, Pernambuco e Bahia, percorrendo ainda os Estados de Bahia (em toda a sua extensão) e Minas Geraes, donde nasce.

É interrompido em seu percurso por diversas cachoeiras, entre as quaes a de Paulo Afonso, a principal e uma das mais bellas do mundo, cuja queda principal attinge a uns 80 metros de altura e que fica situada entre os Estados de Alagoas e Bahia; a do Sabãozinho, entre Pernambuco e Bahia e a de Pirapora no Estado de Minas Geraes.

Os principaes affluentes do rio São Francisco são: o rio das Velhas (já mencionado) o Paracatu, Grande, Carubinha Verde ou Grande e o Parapeta. — D

FABRICA COLOMBO

DE
MOURA BASTOS & C.A

Mantém grande deposito deca misas, ceroulas, collarinhos e pyjamas, confeccionados com todo esmero e bom gosto, podendo competir, tanto na qualidade como no feitiço e preços, com os melhores artigos nacionaes e estrangeiros. Executa encomendas com a maxima brevidade. Marca registrada - COLOMBO.

Rua Barão do Triumpho, 50. - PARAHYB A

citação talvez um pouco longa muito de propósito, porque, nella se concretiza a idéa abstracta de humorismo transcendentalizado. Foi esse humorismo que lhe traçou na face magra o sorriso perpetuo, de apparencia esygnatica, que muitos, guiados pela primeira impressão, classificam de riso sceptico, e que não é mais de que uma forma ligeiramente alegre de encobrir a melancolia da vida. Seu sorriso, que o magico cinzel de Teixeira Lopes perpetuou para os seculos em um marmore soberano, está bem divorciado do sorriso superior, insupportavel e ridiculo dos intellectuaes de mesa de café. Não é uma attitudé litteraria, mas uma defesa de sua sensibilidade agudissima contra a multidão ignara, que tudo macula, tudo espezinha e enlameia. Por trás do richas cerrado de ironista, divisa-se uma beatitudé de alma elicta e uma evangélica ternura. Os que o julgam um trucista por systema, capaz de brincar com as coisas mais sérias deste mundo, nunca perceberam o verdadeiro Eça, derreado de cogitações moraes e sempre apprehensivo com a sorte dos fracos e dos opprimidos.

Esse dandy de monoculo falcante e inumeras gravatas, com que as alfandegas implicavam, soffria os alheios soffrimentos. Não se limitava a uma passiva ternura pelos desgraçados, ternura fatalista e impotente. Mais de uma vez luctou para melhorar a situação dos humes. Como o senhor de Torres quiz calar toda a alma afflicta. Contudo, essa lucta não se confunde nunca com o ruído do esportaculo theatral e politico dos demagogos triibunícios. Quando consel em Havana, sustentou heroica campanha em favor dos com mil colonos asiaticos de Cuba, mais infelizes do que os antigos escravos. Interesses, sollicitações, promessas, hostilidades não o demoveram de seu humanitário propósito. Pagou ao diabo as

sua consciencia e de seu coração até ao fim. Os relatorios consulares revelam-nos o piedoso interesse com que se lançou na lucta. Este gesto que por si só nobilitaria um homem não lhe mereceu depois a mais ligeira vaidade. Também os informes que manda de New Castle ao nosso governo sobre a greve dos operarios das minas de carvão são perfumados da mesma delicadeza moral. Gasta longos periodos salientando a dolorosa miséria em que as crianças e as mulheres vão ficar pelo truculento conflicto de interesses. Foi essa preocupação continua pelos que têm fome, que o fez escrever um dia que se ia tornando ao canto do seu melancolico lume solteirão, um vago anarquista, philosophico e inoffensivo. Todavia, logo a seguir a esta affirmação reconstituindo o quadro rubro de uma jacquerie, em que as mulheres finissimas são violadas, tapou o rosto pensativo com pudica nobreza. Percebeu que a desordem da canalha triumphante é mais dolorosa situação, a mais despotica.

Como Carlos Fradique Mendes, pararia sollicito, sob a neve e sob o vento, em procura da confortadora mueda para o pequenito que repentinamente lhe estendesse a mão.

A belleza moral foi o que mais o fascinou nos amigos; é esse traço que elle primeiro salienta ao falar da soida organização de Ramalho ou da complexa alma de Anthero de Quental. Atrahia-o mais um grande coração de que uma poderosa intelligencia.

As coisas que para o vulgar dos homens seriam um motivo de barulhenta vaidade, não chegavam a merecer uma leve referencia ao gentil-homem Eça de Queiroz. Assim é que já-mais falou na sua amizade pessoal com Eduardo VII de Inglaterra.

Harlo de Albuquerque

FAZENDAS
EM GROSSO E A RETALHO

Teleph. 282

CAIXA POSTAL. 55.

Rua Maciel Pinheiro, 138.

PARAHYBA DO NORTE

*Tecidos de algodão de cores
fixas e padronagem moderna
para todos os preços.*

*FAZENDAS FINAS: voiles, organys, phanta-
sias lisas, estampadas etc., de impecavel bom gosto.*

Os srs. ALBERTO LUNDGREN & COMP., pro-
prietarios da Fabrica Paulista, são estabelecidos,
além de em varias capitães e cidades do interior
de Pernambuco, Alagôas, Rio Grande do Norte,
etc., em Cabedello, Alagôa Grande, Campina
Grande, Itabayanna, Ingá, Guarabira e Rio Tinto,
neste Estado, mantendo em todas essas casas,
tomadas as devidas proporções, o mesmo sor-
timento da desta capital.

Anno V — Numero LXXIX

—

A ESTHETICA COMO PRINCIPAL FACTOR
DE DESENVOLVIMENTO NA INSTRUCCÃO PRIMARIA

até nos descrever as acções invisíveis dum espirito. A concepção do inatingível dessa louca aspiração talvez seja a causa dessas expressões positivas, ás vezes pesadas, que actualmente enchem os volumes da predominante corrente litteraria. Ai de quem tiver nos dias correntes a velleidade de musicar a sua prosa. Os abutres da critica cair-lhe-ão em cima com um frenesi de barbaros. Uma revivescencia nas letras do que já aconteceu em Roma. Dizem que estamos numa época em que para a Deusa acção se convergem todos os desejos. Mas não se chega á acção sem energia e para despertar energia é indispensavel o sôpro da verdade e a esta só se adequa uma linguagem dura, incapaz de embevecimentos e embalos. Assim seja. Não nos privem, porém, de, pela memoria, revivermos esses tempos em que muitas dôres iam-se diluir numa phrase harmoniosa. O esplendôr do seculo de Luiz XIV não sei se veio da acção. Mas sei que nesse tempo havia em Paris uns salões em que os homens pela sua palestra assumiam proporções de deuses. A linguagem grossa de arrieiro ainda os não havia invadido. Hoje . . .

Tratemos antes da idéa que tanto requestou o meu espirito. Não é de agora essa evidencia de movimentos em favor da instrucção no Brasil. Se há um assumpto sobre o qual poucos terão deixado de dar sua opinião é esse. Nenhuma imposição de silencio até aqui foi susceptivel de a comprimir. Nos períodos de estado de sitio é a valvula por onde se es-

Theophilo Gauthier, que tanto trabalhou a palavra para levá-la ao extremo do adelgaçamento, tornando-a mesma com os fios mais finos que lhe ministrava a inteligência aguda, não escapou ao desespero de sua impotência em a espiritualizar.

Sociedade Carioca



Senhoritas MARIA EDWIOES, CELINA, AIDA e CARMEN, filhas do sr. JOSÉ PEREIRA DA COSTA, director do «Banco Portuguez», no Rio de Janeiro, e sobrinhas do sr. ALFREDO MADRACK, sub-director da Estrada de Ferro Central do Rio Grande do Norte.

capa alvoroçadamente essa necessidade de doutrinar de muita gente. Em todas as camadas sociais o do ensino é um thema em torno do qual se geram discussões e se estabelecem os padrões da mais estonteante erudição.

Ora, não podiam as classes dirigentes ficar isentas dessa tendencia, com a differença que o que é inocuo nas outras nella reveste um caracter, ás vezes, de verdadeiros desastres. É por isso é que são separadas por um pequeno espaço de tempo as reformas do ensino entre nós. Tocam-se, colidem, confundem sempre os seus effeitos num triste mallogro. Até agora, dessas reiteradas reformas só temos tirado uma consequencia segura: a ignorancia. E' a lei dos contrastes se afirmando no ensino brasileiro. Estuda-se para ignorar. Pois bem, consintam que nessa panella em que tantas são as mãos que se cruzam, eu ponha também a minha. Quero me referir ás professoras de nossas escolas publicas. Penso que o criterio de selecção adoptado para a sua escolha não deve se restringir ás provas de capacidade. E' mister elasticê-lo, levando-o até ás suas qualidades physicas. Não sei se alguém já notou a influencia damnosa duma professora feia numa aula. Pôde ser ponderoso o seu cabedal de conhecimentos, excelente o seu methodo de ensino, insinuantes as suas maneiras. Todas essas propriedades, porém, não conseguem fixar devidamente a attenção dos alumnos. De ouro muitas vezes são as suas palavras, mas a sua fealdade physica faz com que os

seus discipulos registem, enfadados, tal prodigalidade. E como é penoso assistir-se ás tentativas desesperadas dessa professora por favorecer nas intelligencias infantis a germinação de suas idéas. Tem-se uma sensação aguda de dôr ante tamanho esforço. De todos esses cuidados, abrandados ás vezes dum terno carinho, não é excepcional uma fructificação escassa e peca. E vê-se assim quanto, num desses casos, falha o singular criterio selectivo. Queremos apreciar o inverso? Cheguemos a uma escola onde o magisterio seja praticado por uma mulher em que esplendam esses encantos que constituem o seu sceptro de realza. O ambiente se nos apresenta para logo aclarado duma alegria ruidosa, essa alegria sã e egoistica de creanças que estão juntas de seu objecto amado. Nenhuma força dispendida pela professora para lhes empolgar a attenção. Essa parte mais difficil da instrucção infantil alcançou, naturalmente a sua belleza, ou a sua graça. Os meninos bebem-lhe anciosos a palavra e qualquer de seus gestos harmoniosos é um prazer de que se embebedam os olhos ávidos da creança. Cada qual que queira tornar mais inequivocas as suas demonstrações de estima á professora. E d'ahi a emulação, o afincio, á compita, ao estudo para agradar á mestra. Esses espiritos ainda em formação se abrem a fim de receber, em sua plenitude, as explicações da que lhes é

(Continua no fim da revista)

Dr. Solon de Lucena

Tomou passagem com destino ao Rio de Janeiro para onde segue em viagem de recreio, o nosso eminente conterrâneo dr. Solon de Lucena, chefe do Partido Republicano da Parahyba e um dos homens públicos mais notáveis no nosso microcosmo político.

Presidente da Parahyba no ultimo quatriennio, o sr. Solon de Lucena ausentára-se do Rio de Janeiro desde quando, para assumir o governo do Estado renunciara ao mandato de deputado federal. Voltando agora á quella metropole, o illustre politico

parahybano irá rever os amigos e admiradores que a sua seducção pessoal criou quando representante da Parahyba.

O embarque do ex-presidente se effectou num ambiente de prestigio e affecto, tendo comparecido as allas autoridades do Estado, inclusive o chefe do governo dr. João Suassuna.

Em companhia do sr. dr. Solon de Lucena viaja como secretario particular o nosso caro director Severino de Lucena.

Severino de Lucena

Acompanhando o dr. Solon de Lucena, na qualidade de seu secretario particular, viaja para o Rio o nosso prezado collega de redacção Severino de Lucena, co-proprietario e director de «Era Nova».

S. s. que exerce também as elevadas funcções de official de gabinete do presidente João Suassuna teve um botafóra prestigiado por pessoas gradadas da nossa sociedade e representantes da politica estadual, estando presente também todo o corpo redaccional desta revista.

A demora do nosso carissimo director no Rio de Janeiro será de breve tempo. Por nosso intermedio o illustre collega apresenta desculpas a amigos de quem porventura não tenha sido possível despedir-se pessoalmente: offerecendo-lhes seus prestimos na Capital Federal durante a sua permanencia alli.

A nossa capa

A capa do numero de hoje é occupada com o cliché da senhorita Maria Pessoa Guimarães, da sociedade de Bananeiras.

GUISON

O joven bacharel não gostou daquella interrupção á auradavel palestra que entretinha com *mile*. N. C. no ponto de cem reis. A mesma coisa talvez não passasse *alle*. Seria para ella a vinha daquella *la-meth* toda ao preto uma maneira de singular-se naturalmente daquelle importuno? *Alle* é sobretudo uma creatura gentilissima, incapaz de um gesto qualquer que venha parecer uma indecidez, tem puz todos um sorriso, um suave e ameno riso que tem trazido tanta gente morrendo de amor e de ciúme.

E... amanhã de saudade porque todos já preveem que *mile* não demorará muito tempo por aqui. Será uma flor de graça e de formosura a deixar de perfumar os nossos salões...

O novo presidente da Associação Commercial

Já se encontra empossado no cargo de presidente da Associação Commercial o dr. Velloso Borges, clinico e industrial de relêvo nesta cidade. Director da Companhia de Tecidos Parahybana, o dr. Velloso Borges é também um dos commerciantes de elevado conceito em nossa praça.

Orientada ha muitos annos pela esclarecida intelligencia do sr. Isidro Gomes, a Associação Commercial da Parahyba não soffrerá solução de continuidade na sua finalidade, com o seu novo presidente, continuando a actuar nos destinos de nossa praça da maneira mais eficiente.

Enviamos nossos parabens ao illustre dr. Velloso Borges e bem assim á Associação Commercial pela referida eleição.

Sociedade de Cajazeiras



A senhorita Nainha Fernandes, eleita em um concurso de belleza naquella cidade.

Gavêta de Sapateiro

Loureiro, entrar em junho vindouro, num dos theatros do Rio!

A's armas!...

VITAL LINO

Não há alegria...

A HORA DE INVERNO, de hoje, nos recordou o seguinte:

Há quinze annos, ou mais, na sala de redacção d' «O Commercio», se reunia crescido numero de conterraneos amantes das letras e, a proposito da monotonia desta capital, propoz o Rodrigues de Carvalho a fundação de uma sociedade ambulante que reunisse semanalmente em casa de um dos associados, em sessão literaria.

Cada socio que se encarregasse de apresentar e declamar um trabalho inédito. Com os melhores appalausos foi a idéa aceita e a sociedade declarada existente desde esse momento. Rodrigues, porém, economista theorico e pratico, propoz que a sociedade regulasse o seguinte: — Artigo unico — Nas reuniões é expressamente prohibido offerer o dono da casa aos consocios sequer uma chavena de café.

O artigo foi approved unanimemente mas a sociedade morreu no nascedouro!

Desculdos

A senhorinha... tão conhecida por sua distincção e por seu apurado senso elegante, quasi todos os dias vae esperar o bonde no abrigo da praça Vidal de Negreiros. Alli sempre encontra qualquer amiga e estabelece palestra animada, com entremeios de risadas discretas. De quando em vez, a senhorinha... suspende a conversa com esta exclamação:

— Lá perdi o bonde... mas a palestra estava tão boa!...

Assim perde o segundo bonde, o terceiro, até que se despede, nervosa:

— Adeus, agora não o perco...

— Mas não vae ao Varadouro? pergunta-lhe a amiga.

— Mas é tarde, volto para a casa.

E a senhorinha que mora nas Trincheiras sóbe no bonde de Tambiá...

Modas

O vestido preto acaba de ser banido das reuniões elegantes; restringiu-se ao seu antigo papel de elemento indispensavel aos instantes de tristezas, ao luto enfim!

O typo

Tratando-se de nossa raça, os ethnographos patricios, para demonstrar a nossa inferioridade moral e physica, indicam logo a pequenez do nosso talhe.

Ainda ultimamente, a proposito da imigração japoneza, veiu à baila a questão de estaturas.

Não contrariamos os sabios, mas lembremos-lhes o *team* paulista em excursão pela Europa. Em Strasburgo os paulistanos representaram de pigmeus deante do quadro pebolistico dos alsacianos, composto de typos agigantados. Pois bem: os gigantes foram batidos pelos brasileiros que se revelaram mais ageis, mais resistentes e... mais gentis...

Fátima Miris

O leitor não esqueceu, de certo, Fátima Miris, cujo sexo foi posto em duvida pelos jornaes e por muitas pessoas, que affirmavam ser um rapaz *travestido* de mulher. Depois, um telegramma nos disse ser ella casada em New York, quando o certo foi que a celebré transformista se retirou á Italia, a gosar calmamente a vida. Mas os seus recursos, aliás de vulto, acabaram-se; a artista *alisou* e agora volta ao antigo mestér, devendo, contractada pela empresa José

O medium começou:

«Todos os dias, Vidal de Negreiros abria os reposteiros do céu e passava horas a fio namorando sua praça. E, especialmente, os vestidos multicôres, o deslizar dos autos o enchiam de maxima satisfação. Um dia, o lendario general soltou esta exclamação: — vão fazer outro palacete no lado opposto! — Mas alguns dias depois o general perguntava a si mesmo: — Hein?! *Garage Vidal de Negreiros*?! Meu nome glorioso na terra e acatado no céu, no pifio frontespicio de um telheiro?!... E que será *garage*? — E depressa, foi á bibliotheca compulsou o mais moderno dos dictionarios e encontrou: — *Garage*, estribaria de automovel — O que?!... rugiu Vidal de Negreiros, como consentiram esse sacrilegio ao meu nome, essa affronta á minha praça?... Mas estão enganados; não sou defunto sem choro; ainda tenho na terra quem me defenda a memoria.

E alçando aquella voz de commando que desconcertou os hollandezes, lançou á Parahyba através dos espaços infindos este braço supremo:

Legião Vidal de Negreiros, ás armas!

A ESTATUA

*Esculpe o artista a pedra infôrme e rude. Attento,
Martello em punho, grava a idéa que o fascina;
Aos poucos molda o blôco e momento a momento
A fôrma vae prendendo a rocha alabastrina.*

*Surge o busto; depois, do languido e opulento
Corpo cinzela toda a plastica divina;
O traço do buril traduz seu pensamento
Sublime inspiração da graça feminina.*

*Parece que tem alma o descorado riso,
E a mão que opprime o seio angelico e indeciso
Oprime a commoção da virgem sorprendida!...*

*Attonito, vacilla o desgraçado estheta...
E rola morto ao vêr na estatua predilecta
A estatua da mulher que mais amou na vida.*

A N N I B A L L I M A

NOS CASTANHAES DE ALENQUER



(PARA') — Barracão ESTRELLA DO CURUÁ, de propriedade do coronel José Alexandre Filho, nosso conterrâneo, de Catolé do Rocha.

ERA NOVA

O Norte, magazine de grande circulação no Brasil, que se publica no Rio de Janeiro, traz notícia a passagem do quarto aniversário da Era Nova:

«É um facto muito significativo a passagem do quarto aniversário da Era Nova, revista literária paraybana. Quando appareceu essa publicação de finalidade intellectual e esperanças ardentes, houve na assistência o gesto de scepticismo com que, em geral, recebemos taes iniciativas. O meio provinciano, sem estímulo para essas manifestações, concorda para tornar mais precaria a expectativa. Uma cidade póde possuir literatos e não contar um meio literario, como tantas vezes acontece, e, se não se punha em duvida a existencia de valores mentaes na Parabyba, porque ella é demonstrada por factos, faltava ambiente para um tentamen artistico relativamente audacioso. Era Nova, entretanto, venceu. Progrediu. Affirmou-se. É um organ brilhante, que honra ás letras paraybanas e põe

CRIMES E CRIMINOSOS

Apesar de ter nascido e viver neste meio sertão, onde se têm descorolado grandes crimes, sempre me acalbrunha e me dóe o coração todas as vezes que se me defronta a desgraça alheia. Hontem fiquei tristemente commovido, com o coração em farrapos, quando vi chegar a esta villa o cadaver de um cangaceiro transpassado de balas da força publica. Vinha amarrado em cima de uma capanga, ás costas de um equino possante, ainda gotejando sangue dos mortaes ferimentos. Dois soldados acompanhavam o morto, rode-o e soltando palavras de amaria. Era um mulato de vinte e cinco annos presumíveis, de corpo delgado, três plumbeas, pouca barba, occipitales reintrantes, maxillares salientes. As suas mãos, pequenas, de dedos despontados, ainda estavam tintas do fumo da polvora, denunciando que muito resistira ás ordens legaes. Dizem que

era ainda um dos ultimos remanescentes do cangaceirismo que Luiz Padre e Sebastião Pereira dispersaram entre as nossas fronteiras e as do sertão pernambucano. Viêra dos lados de S. João, em companhia de outros, onde se achavam disfarçados e procuravam todos os sertões do Leão do Norte.

Resultado: uns mortos, outros presos e o resto em debandada. E, nesse momento, commovido deante de scena tão triste, puz-me a pensar, a meditar mesmo, na razão de ser criminoso. Por que se tornára elle o typo de rebeldia no imperio da lei? Por que se fizera cangaceiro? de onde lhe viera essa ausencia de remorso em face dos assassínios premeditados, sem odio, simplesmente para, de modo tão tragico, se ceibrizar ou, por subórno de patrões desalmados que, por intermedio delle, exerciam vingança, e o mandavam roubar para accrescimo de sua propria fortuna? A causa de tudo isso que tem feito a infelicidade de tanto brasileiro? Lembrei-me de outros povos, que também tiveram e têm ainda os seus grandes sclerados e salteadores de toda especie; dos paizes, onde correm á larga, suicídios, crimes passionaes e outros de infinitas categorias. Afinal, fiquei em duvida commigo mesmo, e interroguei: que é o criminoso? quaes os factores pricipuos do crime? E lá me acodem á mente sociologos criminalogistas de toda especie, reportando nas suas theorias de direito penal, cada qual com as suas idéas, umas accellaveis, outras paradoxaes, sobre o crime e o homem criminoso. Deixando de lado Alimena, baluarte da escola classica, cheguei-me logo á memoria a figura inconfundível de Lombroso, com o seu L'oumo deli-

em justo relêvo a capacidade dos seus escriptores. Fazemos com muita sympathia o registro desse anniversario, occorrido a 28 do mez passado, felicitando os directores de Era Nova, que são o illustre sr. Severino de Lucena, official de gabinete da Presidencia do Estado, e o sr. Synesio Guimarães Sobrinho, nosso confrade da A União, da Parahyba.

VULTOS EM CARICATURA



O senador ELOY

(Caricatura de T. Veras)

quente, vendo no criminoso um anormal biológico por atavismo physico e psychico, isto é, o homem herdou dos seus antepassados o germem do crime. E não me pude conformar com o seu typo de criminoso nato, ferrado entre os demais homens com estigmas denunciadores da tara criminal. Mas a sciencia de Lombroso falhára, no caso muito celebre de Solleiland, o barbaço assassino da pobre Bertha, o frio violador de creanças, e muito mais, do conhecido criminoso Tiburzi, que, por dezoito annos, trouxe em desespero os arredores de Roma, commettendo hediondos crimes de roubo e mortes, e, um dia, sendo preso pela policia, foi levado á presença do grande creador da nova escola penal, sem que elle soubesse de quem se tratava. O velho professor de Turim quiz provar dessa vez, que a antropometria não mente. Não encontrando, de prompto, signaes caracteristicos de delinquencia no homem que, a titulo de experiencia, lhe punham em frente, passou a medir-lhe o thorax, o craneo, as mãos, maxillares etc, e, por fim, dogmatizou satisfeito: «é um homem de optimas qualidades». «Pois é Tiburzi», disseram-lhe a queima roupa. O que valia dizer entre nós: — é Jesuino Brilhante, é Antonio Silvino, é Lampião etc. Desconcertou-se o sabio anthropologo, e sahio-se com esta de fazer rirem as pedras: «o papel de saltador não deixa traços apreciaveis no organismo». E ahi reflecti commigo mesmo: foi, talvez, por coisas dessa ordem, que condemnaram, no Congresso de Nancy, a sua these sobre o criminoso nato. Por insubistentes, sem assento fundamentado nas leis ethno-sociologicas, deixei de lado as theorias de Paulo Abrech e Hamon que consideram o criminoso como uma normalidade biologica, isto é o individuo que delinque representa o homem primitivo no seio da natureza sem lei etc, e passei-me para Garofalo, Ferri, Gabriel Tarde e outros, que se detêm em

O sr. dr. Alvaro de Carvalho, no seu reatorio apresentado ao governo do Estado e que é um documento de rara sinceridade e despretenção, colloca o ensino numa mola unica: o professor. Sem professores são inuteis as reformas e contraproducentes todos os aparelhos e equipamentos. Com palavras outras, porém com a mesma idéa, commentámos a nova lei, que reformou os ensinos primario, secundario e superior do Brasil.

Então, dissemos que o nosso regimen era um vasto laboratorio de chimica, por exemplo, que, estragados os vidros, gastos os reactivos, precisava de novos acidos os quaes serviriam de bases a todas as gerações.

Em vez disso, deram-lhe bonitos rotulos, com as margens douradas, e com os titulos escriptos em vernaculo.

O alumno, porém, encontra esse vidro vazio.

E, então, vai ler nos compendios, como o acido sulfurico se comporta em presença do zinco.

Não houve, portanto, mudanças!

Não se pôde negar que ao sr. dr. Alvaro de Carvalho sobram-lhe competencia e auctoridade para dizer taes coisas.

O ex-secretario de Estado do governo do dr. Solon de Lucena, é professor e dos mais illustres do Lyceu Parahybano, onde suas aulas, e principalmente, seus exames se medem pela mesma medida e se guiam, em todos os pontos, pelo seu pensamento.

discussões accésas em torno do typo criminoso e a genese do crime. Procurei, entre estes vultos mais evidentes, uma classificação racional, onde melhor encaudrasse o cangaceiro do Nordeste. Garofalo classifica o criminoso como um anormal moral. Para Ferri, é um doente. Tarde colloca-se entre os dois, indo buscar a origem do crime na influencia social. E, todos elles, com exclusão, talvez só, de Abrech e Hamon, concordam que o criminoso é um doente, posto que o seu estado pathologico se origine de causas varias e nem sempre seja tangivel dos melhores psychiatras. A nevrose e a neurasthenia, segundo Maudsley e Moritz Benedickt, são factores preponderantes do crime. Antonio Marro o attribue á nutrição defeituosa do systema nervoso, o que vem a ser a mesma coisa. A epilepsia que não é somente a molestia que produz convulsões e anesthesia as correntes sensoriaes, segundo os corypheus da nova escola penal e suas decorrentes, pôde manifestar os seus effeitos em estado latente — e é a que qualificam de epilepsia larvada — tomando o homem ousado, impulsivo, analgesico, em face dos maiores delictos. Dess'arte, poderam ter sido epilepticos Alexandre, Cesar, Napoleão, Silva Jardim, Moreira Cesar, etc. Não me conformando com os deterministas que annullam, por completo, a liberdade individual, fazendo das faculdades volitivas um vime bambolean-te ao sopro das forças extrinsecas do ambiente, acho de mais acerto G. Tarde, que sobre a genese do crime, prefere aos factores kosmicos os sociaes, em suas complexas modalidades. Mais ou menos estão de accordo com o pensamento deste illustre sociologo criminalogista Henri Joly, Duprat, Maxwell e Ettinger, que filiam o crime á deficiência de instrução, ás más leituras,

A muitos ha de ter admirado tamanha sinceridade e não hão de ter faltado duvidas, mesmo, de que applique na vida pratica os methodos e as idéas que prega. É uma revelação para muita gente, talvez, essa de que o illustre cathedratico de inglez, apologista e entusiasta do ensino profissional, tenha os seus fi-hos matriculados e cursando a Escola de Aprendizizes Artifices.

É o idealista pondo em pratica as suas idéas, o educador que começa por educar os filhos, o homem que traz o exemplo do seu lar.

É de dupla sinceridade tudo que pensa o dr. Alvaro de Carvalho: envolve as suas idéas o lado theorico e a pratica de quem os applica, com a convicção de um crente.

Podem considerar virtude rara ou pouco aproveitavel: porém a sinceridade, baseada no exemplo, é uma força maior que a da idéa.

GUISOS

A ultima carta que lhe veio, depois daquella partida brusca para bem longe, não trouxe o menor allivio á sua grande, á sua immensa saudade: «Ando cheio de ti, de tua fascinante belleza, de tua fala, de teus gestos, da musica de tua risada crystallina». Um trecho todo escripto com essas lamurias do namorado de 1830.

Após a leitura, a pergunta sehlulhe naturalmente dos labios: E o casamento? Nem me fala da promessa que me fez! Sempre e sempre essa carpideira e não se lembra que eu o fiquei a esperar...

E rebentou num pranto, todo de recriminação á ingratição do bem amado ausente, E na sua afflicção nem via ella que alguém testemunhava despercebidamente, na mesma sala, aquella pathetica scena de choro...

O sr. dr. Julio Lyra acaba de tomar uma medida, que está acima de uma simples reforma.

Uniu as três delegacias de Policia no mesmo predio, dando destarte mais unidade e facilidade de cooperação entre os garantidores da ordem publica.

Medida louvavel e que estamos certos trará os melhores resultados.

GUISOS

A musica, de todas as artes, é a que desperta mais emoções na alma humana.

O violino de Dalmáu, trouxe naquella noite de arte do Cabo Branco ao coração do mille, uma grande recordação, aquelle agredido sentimento de que nos falava garrett, fazendo-a melancolica e taciturna. Quando começavam as danças, mille, ainda se conservou naquella estado d'alma que durou até o final, até os ultimos sons da orchestra, sons que ella não ouvia, porque só lhe cantava aos ouvidos aquelle canto do rouxinol do artista hespanhol. Todos reparavam naquella tristeza

A TRANSFORMAÇÃO DA CIDADE



Durante os trabalhos de construção da Praça Vidal de Negreiros.

Os interessantes typos desaparecidos...

A Parahyba já anda quasi esquecida de Antonio Roviano de Azevêdo. Pouco tempo faz, entretanto, que elle morreu. Morreu desastrosamente no Recife, aonde fôra tratar de uma molestia do coração, que nos ultimos tempos de sua vida se lhe tornára idéa fixa. A sua morte não teve, pois, nada de poetico e elle, Azevêdo, era poeta ou julgava-se poeta. Chegou a publicar três volumes de versos: *Cruz de Ouro*, *Harpas* e *Hesternos*.

Antonio Azevêdo era natural de Mamanguape, de onde sahiu para um emprego publico nesta capital, debaixo da protecção do governo hellenico do sr. Castro Pinto. Não teve elle, propriamente, personalidade litteraria. A sua psychologia deve mais ser estudada por um alienista que por um critico de letras. Era um degenerado sexual. Não obstante, intelligentissimo, possuía u'a memoria tão fiel e tão nitida que se diria milagrosa. Azevêdo

costumava, para recitar a qualquer hora, mais de mil sonetos e uma infinidade de capitulo das melhores obras de auctores brasileiros. Tinha a sua obsessão artistica por Biliac. Obsessão que, aliás, não é delle só. Os versos que por generosidade do governo da Parahyba imprimiu na Imprensa Official, sabiam-se inteiramente decorados, bem como as criticas publicadas a respeito dos mesmos em todos os jornaes que lhe chegassem as mãos. Contava até que lendo a Biblia, gravou na memoria todo o livro de *Apocalipse*, com todos os seus propheticas e as suas complicadas...

Azevêdo jámais passou da plêbe e, comtudo não deixava de ser um typo curioso. Quem o conheceu não pôde deixar de compará-lo aquelle Gonzaga de Sá, que Lima Barrêto fez um somnolento romance, aquelle Gonzaga de Sá que gostava de percorrer sósinho as ruas velhas do Rio de Janeiro, por uma inexplicavel vocação interior. Apenas Antonio de Azevêdo não tinha o senso integro.

O "Tio Foluca"

Lenda narrada pelo dr. Hosannah de Oliveira na revista «Vozes de Petropolis». Publicada por José Coutinho de Oliveira, em seu livro «Lendas Amazonicas».

OUTRORA, o rio Acará possuia lindissimas fazendas. Os seus proprietarios, gosando de regular fortuna, reuniam as familias vizinhas nos dias festivos e entre folguêdos innocentes se passava alegre o dia muitas vezes, e muitas v'ezes a noite.

No terreiro limpo, assentados em bancos e cadeiras, no declinar da tarde, os brancos contavam os factos ou as lendas que a tradição lhes ensinára, enquanto os negros,

E quanto á sua memoria de excepção, que excellente estudante de direito não daria elle se tivesse tentado...

F. F.

COLLABORAÇÃO

H O M O S A P I E N S

J. Maciel



— Meu querido Possidônio, hei de ser-te
sempre fiel!
Está ali uma coisa em que eu acredito
piamente...

(Caricatura de Vidal Filho)

nos ranchos, ao som do tambôr, cantavam e dançavam alegres, satisfeitos.

O senhor, no Acará, era humano, amigo dos seus escravos; por excepção um ou outro era apontado como tyranno.

Depois do Treze de Maio, libertos os escravos, as fazendas foram cahindo em ruínas. Os donos mudaram-se para a capital ou as trocaram por sítios menos dispendiosos.

Na fazenda Maiauarú, (1) abandonada de seus proprietarios, residia, sózinho, um velho caboclo chamado Florentino e alcunhado pelo povo «Tio Foluca».

Tio Foluca só tinha uma perna. A outra havia elle perdido em uma armadilha que, quando moço, armára para apanhar um veado.

Usava de perna de pão, presa á côxa por duas correias e um cinturão; para auxiliar-o no caminhar servia-se de mulêta.

Um dia foi encontrada bolando, rio acima, rio abaixo, com a maré, a montaria do tio Foluca. Encontraram-no no galinheiro, a panela com a comida no fogão; a mulêta no porto, a perna de pão á grande distancia na mata, uma das correias na casa do forno, a outra junto do galinheiro, longe, em logar opposto á outra.

A policia perdeu-se nesse dedalo de indícios varios e divergentes.

Ninguém mais deu noticias do velho Foluca e os annos foram passando e pouco a pouco se foi esquecendo o caso curioso.

Um dia, num serão de negros na fazenda falava-se em segredo ter o pae João da fazenda Carmello, em noite de luar, visto

Com a morte de Ruy Barbosa, perdemos o mais consagrado elemento de nossa intellectualidade, o expoente maximo de nossa literatura, o talento extraordinario que todo o paiz admirava, e quiçá, o mundo inteiro — o *homo sapiens* do nosso caro Brasil.

Morto Billac, havíamos perdido também, com o seu desaparecimento, o maior de nossos poetas, o mais destacado e conhecido entre os muitos vates que possuíamos — o principe emfim, da nossa poesia. Houve um verdadeiro fremito, no meio intellectual do paiz, no sentido de ser escolhido o substituto do principe; coube a palma ao sr. Alberto de Oliveira, hoje o representante glorioso dos nossos citharêdos.

Falta-nos, porém, saber quem integra, actualmente, as qualidades do *homo sapiens*, quem está sendo ou será o substituto emerito do Ruy — o homem prodigio, a maior cabeça phisica e moral que o Brasil teve a gloria de possuir. E' para se estranhar não se haja até o presente cogitado de tão palpitante assumpto, cujo fim é dar balanço no nosso intellectualismo, de maneira a se apurar quem se ache em condições, quem será capaz de reunir todas aquellas superiores qualidades do Ruy, reveladas desde sua infancia, e cada vez mais pronunciadas até o termino de sua terrena peregrinação, de modo a substituil-o! Para homens da estirpe de Ruy não será facil serem encontrados os seus substitutos, porque são tão raros.

em frente ao Maiauarú. O pae João affirmava ter-lhe o Foluca feito adeus com a mão e mergulhado novamente. E a lenda começou a se formar. O caboclo de perna de pão havia sido seduzido pela yara, mãe d'agua, e habitava os seus palacios encantados.

Estava eu assentado sobre um largo pranchão de pão d'arco, debaixo de frondosa mangueira no porto da fazenda Japinaúba, quando encostaram duas montarias. Numa vinha o mulato Manuel Catangro, mestre carpinteiro e um discipulo, noutra vinha o

Estrella do brilho de um Ruy Barbosa não se verifica em qualquer constellação; até hoje a constellação do Cruzeiro não teve outra que offuscasse as scintillações da que illuminou o cerebro de Ruy Barbosa!! Billac, que era, inegavelmente, o principe dos nossos poetas, teve na pessoa de Alberto de Oliveira o escolhido para dirigir, em seu logar, a orchestra dos nossos vates; foi pois, o sr. Alberto o homem que recebeu a batuta — e se tornou o maestro dessa orchestra, em que os musicistas são quasi todos eguaes. Não será possível se descobrir neste immenso paiz, parece-nos, um segundo Ruy, que venha se collocar na posição, occupada pelo primeiro — o *homo sapiens*!

Que se faça o balanço desse intellectualismo brasileiro, a fim de que seja escolhido, com justiça, o que consideramos inexequivel, o substituto do Ruy, é o que desejamos, mesmo que venha provar o contrario de nossas supposições. Nada perderemos vendo desfeito o castello de todas as nossas illusões pessimistas; ao contrario, queriamos nos penitenciar, caso surgisse em nosso paiz um novo *homo sapiens*, mas que o fôsse de facto e de justiça, no conceito da nossa população! O numero dos homens prodigios é resumidissimo; e a natureza nesse particular é de uma avareza sem limites! Os predestinados são poucos; apontam-se entre os milhões, senão entre os bilhões dos communs, tenente Domingos, Lavraador, e um velho.

Mostravam-se atemorizados e logo após os cumprimentos do estylo me disseram: — Doutor, acabamos de ver o velho Foluca.

— Onde estava elle?

— Quem sabe? Era meio dia em ponto; o sol estava bem a pino. Vinhamos remando devagar, as duas montarias juntas, conver-

(1) Havia duas fazendas com esse mesmo nome no rio Acará: Malauarú-miry — de José Marcellino Martins Maciel Parente e Malauarú-assu — de Leandro Antonio de Oliveira. Nesta ultima se passou o facto que deu origem á lenda.

(Continúa no fim da revista)

ARGUCIA DE MULHER

Vultos em caricatura

Miguel Sawa

Tratava-se de contar uma historia mui interessante. O café ainda fumegava nas taças e a risonha physionomia dos convidados indicava que haviam comido e bebido bem.

— Vamos a ver, perguntou um senhor grave, que se sentava ao lado da dona da casa, — Que classe de historias preferem vocês? Tragicas? Comicas? De amor? De dinheiro?

Responderam em côro varias vozes femininas:

— De amor! De amor!

O senhor grave fez um gesto de desgosto.

Então o seu vizinho da direita, com um tom vaidoso, alisando ligeiramente os bigodes:

— Uma historia de amor? Pois bem; eu vou contar-vos uma interessantissima.

Todos acomodaram-se para escutá-la, enquanto elle accendia um charuto, depois de um largo trago de café.

— Antes de tudo devo declarar-vos que a protagonista de minha historia é mulher muito conhecida e relacionada entre nós e por isso devo occultar o seu nome.

— Sim, sabemos que o sr. Fernandez é um homem discreto — interrompeu a dona da casa.

Os principios desta aventura — continuou o sr. Fernandez — foram verdadeiramente extranhos. Há poucos meses recebi uma carta, mais ou menos nestes termos:

«Cavalheiro: uma pobre mulher enferma e mui triste — deseja falar ao sr. e roga que venha á noite visitá-la. O pedido de uma mulher é sempre uma ordem para um cavalheiro. Não o esqueça».

E mais abaixo o nome de uma rua e seu numero da casa. Nada mais. Nem uma assinatura, nem uma inicial, um indicio sequer, pelo qual podesse vir a saber quem era a extranha auctora daquela extranha carta. Como vocês poderão avaliar, a aventura era interessante e não duvidei um só momento em acudir ao pedido.

A's doze em ponto estava batendo á porta de minha desconhecida.

Vou abrir-m'a uma mocinha.

— A senhora? perguntel.

— Entre.

Nem mais uma palavra. O mysterio continuava. Fiquei só em uma pequena sala mobiliada elegantemente e pouco depois voltou a empregada: A senhora o espera — disse fazendo um signal para segui-a.

Entramos em uma alcôva, mal illuminada por uma lampada de alabastro, sob cuja luz pude ver estendida em um amplo leito a protagonista desta historia.

A donzella nos deixou sós por um gesto da senhora e eu sentei-me junto ao leito em uma cadeira collocada alli evidentemente para mim.

O narrador interrompeu alguns minutos a narração para tomar o café.

Depois continuou:

— Eu estava algo desconcertado e sem saber o que dizer. Neste interim, minha bella desconhecida — porque esqueci de dizer que a primeira impressão aquella mulher me pareceu formosissima — olhava-me fixamente.

— Oh! eu sabia que o sr. vinha!

E me offereceu sua mão, que eu me apressei a apertar entre as minhas.

Então, á meia voz, com palavras que eram mais suspiros, contou-me toda sua historia, uma historia vulgar e sem interesse de amor não correspondido, de engano e traições.

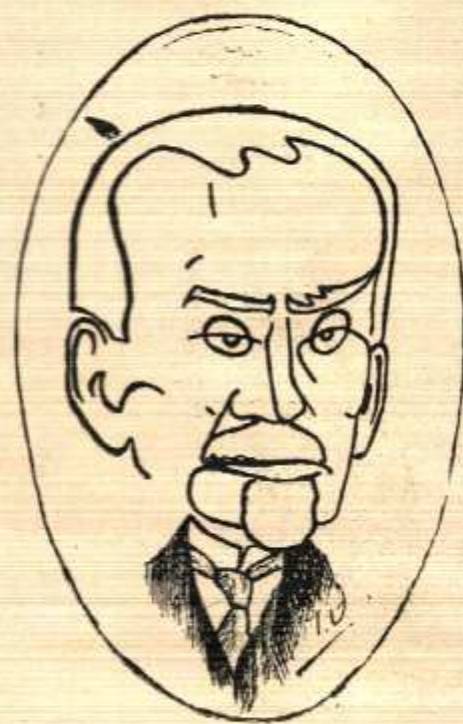
— Oh! mea Deus! exclamou ao terminar, como resumindo, — como sou desgraçada!

E começou a chorar.

Eu procurei consolá-la e o consegui.

— Mas, enfim — me disse impaciente: — Não me conheces?

Olhei-a minuciosamente.



Dr. Flávio Marója, que tem travada uma batalha no valle do Gramame.

(CARICATURA DE T. VERAS)

Ora, se a conhecia! Pois se ella tinha sido um dos grandes amôres de minha vida!

— Tôlo que sou! Mas és tu, Encarnação!

A resposta foi uma risada. Eramos amigos, amigos antigos.

— Sabes que estás muito bonita — disse pegando-lhe das mãos apaixonadamente.

O BRASIL



— Pareço-te bem? E sorrindo; tu, também, não estás mal!

Falamos em seguida, do tempo — já tão longe — de nossos passados amores, da nossa felicidade naquela época...

— Meu Deus, — disse ella — que insensatez a nossa, de matarmos a nossa felicidade!

— Sim... podemos, entretanto, ser felizes ainda — respondi-lhe, apertando-lhe ainda mais as mãos.

— Não... já não é possível!... E meu marido!

— Ora! Teu marido... Um homem que te abandonou dois annos depois de casado...

Pouco a pouco me approximára della. A batalha estava ganha!

De repente, senti que abriam a porta da alcôva. Não tive tempo de afastar-me della e ficar em u'a posição conveniente.

Encarnação, ao ver o rosto do intruso, lançou um grito de espanto:

— Meu marido!

Depois, já sabem vocês, uma scena tragica que terminara por um desafio para duello, no qual sahi ligeiramente ferido.

Terminado o incidente, meu adversario enviou-me, por meio de seus padrinhos, carta em que ll o seguinte:

«Esta noite, ás 12, receberei em minha alcôva a visita do meu antigo amigo Fernandez».

Fiquei estupefacto.

Aquella carta estava assignada por Encarnação.

— De modo que... interrogou a dona da casa. — ... que aquella mulher — respondeu, em tom de despeito, o sr. Fernandez, queria reconciliar-se com seu marido e arranjou o plano diabolico de convidar-nos os dois para a mesma hora, nos encontrarmos na sua alcôva e o resto.

A moral desta historia vou dizel-a — exclamou o senhor grave.

E depois de uns momentos de silencio:

— Que Deus nos livre das mulheres!

— Amem — responderam todos os convidados. Fim.

De Chamfort:

A ambição affecta as almas pequenas mais facilmente que as grandes, como o fogo que attinge mais facilmente as choupanas que os palácios...

Nas grandes acções mostram-se os homens como lhes convém; nas pequeninas mostram-se como são...

De La Rochefoucauld:

Nada impede tanto o natural como o desejo de o parecer...



O pequeno: — ... pois é como estou dizendo: essas mentiras só me chamam de orgulhoso porque eu não dou confiança...

(Caricatura de Vidal Filho)



Catherine Mac Donald, cuja arte de representar junta-se á outra arte de seduzir, pelos seus labios rubros, muito pintados.

Dr. Sinval de Borba Medico Consoltorio: rua Barão do Triumpho, 271 Residencia: Praça, 1817 n.º 161	Dr. Mario Neves Coutinho MEDICO Rua Duque de Caxias, 504—1.º andar	DR. NEWTON LACERDA MEDICO Laboratorio Chimico Rua Duque de Caxias, 504	DR. MANUEL FLORENTINO MEDICO CONSULTA NA PHARMACIA LONDRES RUA MACIEL PINHEIRO, 128. Dr. Alceu Navarro MEDICO PRAÇA COMMENDADOR FELIZARDO, 1.
DR. RENATO V. DE AZEVEDO MEDICO Rua Duque de Caxias, 504. 1.º andar. Consultas das 8 às 11 da manhã	Dr. Alfredo Monteiro MEDICO AVENIDA GENERAL OSORIO, 231.	Dr. José Maciel MEDICO CONSULTORIO: Rua Maciel Pinheiro, 119. RESIDENCIA: Praça 1817 n.º 223	Dr. João Dantas Milanez ADVOGADO RUA DUQUE DE CAXIAS, 413.
Dr. Jayme Lima MEDICO-PARTEIRO AVENIDA GENERAL OSORIO n.º 104 Consutorio Rua Maciel Pinheiro, 119	Dr. Flodoardo da Silveira Advogado Rua Maciel Pinheiro, 45.	Dr. Renato Lima ADVOGADO Praça 1817 — N.º 195	
Dr. Elvidio Ramalho Cirurgião Dentista Rua Duque de Caxias, 504 1.º andar	DR. ALVARO LEMOS CIRURGIÃO DENTISTA RUA DUQUE DE CAXIAS, 432. Dr. Francisco Ramalho CIRURGIÃO DENTISTA 7 RUA GENERAL OSORIO 7	Dr. Antonio Sá ADVOGADO Rua Cardoso Vieira, 272.	Dr. Antonio Santos Coêlho Advogado RUA 13 DE MAIO, 81. MAXIMIANO A. MONTEIRO DA FRANCA Rua Duque de Caxias, 446 Tabelião Publico, Escrivão de Orphãos e dos Feitos da Fazenda Estadual
Dr. João Cancio Brayner TABELIÃO Rua Barão do Triunpho, 408. Ignacio Evaristo TABELIÃO Rua Maciel Pinheiro (PALACETE DA ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL)	Dr. Pedro Ulysses TABELIÃO Rua Duque de Caxias, 13.	Dr. Manoel Moraes TABELIÃO Rua Maciel Pinheiro, 85. ANDRADE LIMA AGENTE DE LEILÕES RUA BARÃO DO TRIUMPHO, 102.	Dr. Irineu Joffily ADVOGADO Rua da Palmeira

J. COELHO & IRMÃO
PAPELARIA
TYPOGRAPHIA

Objectos para escriptorio

Rua Maciel Pinheiro, 218.

ADVOGADO

—*—

PAULO DE MAGALHÃES

—*—

Redacção d'A União

RELOJOARIA DALIA

OCULOS E PINCENEZ

B. VICENTE DALIA

RUA MACIEL PINHEIRO, 30.

**Mercearia
Maia**

Casa especialista em
generos alimenticios
e bebidas de
de todas
as qualidades

Rua Maciel
Pinheiro, 55.

**FABRICA
DE
MOSAICO**

WALEREDO
G.
PEREIRA
SOBRINHO

PRAÇA 1817

ARTIGOS

DE
MODAS

ESPECIALIDADE
EM
CNAPEOS

P. Marinho

Rua Maciel
Pinheiro,
205.

ADVOGADO

Adhemar Vidal

Redacção d'A UNIAO

PARAHYBA

Nelson Carreira

DENTISTA

Praça Aristides Lobo
84

PHARMACIA

SANTO

ANTONIO

PRAÇA PEDRO AMERICO, 60,
OVIDIO LOPES DE MENDONÇA

LIVRARIA S. PAULO

LIVRARIA E LIVROS DIDACTICOS

TYPOGRAPHIA

RUA MACIEL PINHEIRO

ERA

Serviços de

Photographia e

de

Zinographia

FLORIPPES CAVALHO
RUA BARÃO DO TRIUMPHO, 436.

DENTISTA

JANSON LIMA

Rua Barão
da Passagem

NOVA

CURSO DE DACTYLOGRAPHIA

Directora: *D. Rosita de Almeida Brandão*

Rua 7 de Setembro n. 171
(TAMBIA')

Seixas Maia

Rua Barão do Triumpho, 271.

PHARMACIA BRASIL

LONDRES & CIA.

PARAHYBA

Rua Maciel Pinheiro, 157.

MEDICO

OSCAR DE CASTRO

Pharmacia Londres
e
Assist. Publica

ADVOGADO

Agrippino Nobrega
RUA BARÃO DO TRIUMPHO, 408.

DENTISTA

LUIZ

BURITY

Rua
Duque de
Caxias,
165.

MEDICO

ESPECIALISTA EM DO-
ENÇA DE OLHOS,
GARGANTA, NARIZ
E OUVIDOS.

Dr. Josa Magalhães
Rua Duque de Caxias, 504.

ADVOGADO

**José Americo
de Almeida**

Rua
Epitacio Pessoa

512

**ANTONIO
BOTTO**

ADVOGADO

Praça Aristides Lobo,

66

FRAGILIDADES DE UM GRANDE ESPIRITO

Fidelino de Figueiredo

Com a devida venia, transcrevemos d'O Jorral, do Rio, o artigo subsequente, devido à auctorizada penna do sr. Fidelino de Figueiredo, ex-deputado ao Parlamento Portuguez, escriptor notavel, cuja obra seria e ampla é uma das maiores recommendações para a mentalidade lusitana deste século.

Sobre o alludido artigo extrahimos de uma carta endereçada pelo sr. Fidelino ao nosso collega de imprensa de Adhemar Vidal, o seguinte trecho que se reporta á juventude luso-brasileira de longa accção no momento: «Qual é que de alguma vez nos pobres artigos d'O Jorral, principalmente na biographia phantasmica do phantastico amigo Luiz Cotter, eu tenha exprimido o sentir e as idéas dessa gente nova e ardorosa».

Para esse trabalho chamamos particularmente a attenção dos nossos leitores.

LISBOA, março de 1925.

No espirito de Luiz Cotter facilmente se reflectia essa inquietação moderna, que o nosso século herdou do precedente, mesmo em tão poucos problemas sem os resolver que as familiaridades da morte, trazidas pela guerra mais aggravaram ainda. Quer fazendo biographia, isto é, estudando o concreto e o individual, quer fazendo critica scientifica, isto é, abstrahendo a actividade presumpçosa da morte, nunca o abandonou a sede de valores universaes. Pelo contrario, a sua curta vida vivia sempre possesso de infinito, doloridamente debatendo entre as impossibilidades da logica e a falta de conformidade das suas aspirações.

Houve um momento em que este sceptico ardentemente desejou crer e seguindo o conselho de Pascal e o conselho dos theologos que põem na base da creança um acto de vontade, começou por tomar a agua benta e praticar. E eu suppoz, ao vê-lo rondar o reduto da egreja e depois decididamente entrar, ajoelhar e erguer a alma para Deus, que o bálsamo da fé humedeceria e consolaria o ardor da sua inquietação. E tinha algumas razões para assim pensar.

Sobre a egreja, sobre a sua politica e a sua influencia no mundo nunca se escreveram paginas mais brilhantes e mais justas que as sahidas da sua penna não orthodoxa, na historia da casa de Austria.

E eu sempre lhe ouvira confessar a sua rendida admiração pelo christianismo, a menos imperfeitos e a mais bella das tentativas de communicar com Deus, dizia elle. O christianismo era ainda para Luiz a genial

demonstração do magico poder da bondade affectuosa. O contrito ideologico do christianismo pairava no ar como temas de meditação da philosophia grega na sua phase da decadencia, quando os problemas moraes prevaleceram no interesse dos homens sobre os metaphysicos, ou como principios religiosos desse Oriente necrosado e imaginativo. Mas tudo isso permaneceria estéril e restricto esoterismo, sem a synthese sentimental de Jesus.

O NOSSO CLERO



O sr. Bispo José Pereira Alves, de Natal.

E a semente desta, a mais fecunda criação que a humanidade ainda aproveitou, todo um mal de civilização e de cultura se formou e se desenvolve, ainda, pense o que pensar a nobre lepra do atheismo. A egualdade dos homens perante Deus fomentou a abolição de muitas desigualdades injustas entre os homens: todas as formas da arte, todas as sciencias, toda a philosophia, toda a evolução historica orientadas por essa divina teleologia, dizem á existencia humana, breve e precaria, uma transcendencia e uma belleza que a ergueram ás possibilidades insuspeitadas, e o homem, surpreso, deu de si heroismo e criação a mais.

Por esse tempo, Luiz Cotter embrenhou-se na leitura da escolastica, cujos estudos lamentavelmente abandonados em Portugal. Foi elle que me chamou a attenção

para o nosso esquecido pensador Ferreira Densado, que tentou entre nós uma restauração desses estudos, de resto muito de accordo com a nossa tradição philosophica, sempre pouco propicia á heterodoxia.

Mas este homem não era só um cerebro, que como machina complicada por si trabalhava, indifferente e sem descanso; era homem no que do mais complexo, mais fragil e também mais bello a palavra significa, era uma sensibilidade esthetica, um coração impressionavel, toda uma personalidade, onde se abrigava a idéa pura, onde parasitava também o capricho e imperavam as coisas com sua physionomia irradiante como almas, os mysteriosos impoderaveis.

Um pequeno episodio teve nesta alma delicada mais influencia que uma laboriosa meditação.

Uma manhã, durante uma angustiosa crise de espirito, Luiz entrou pela primeira vez numa linda egrejinha de Lisboa, antiga sede da Casa dos Vinte e Quatro, como lembram as ferramentas symbolicas insculpidas nas paredes. Era cêdo. O templo estava deserto. E Luiz Cotter, encantado com a belleza alacre e singela do templozinho, avançou com curiosidade e uma brusca acalmia na alma. Lembrou-se do conselho de Pascal e foi tomar agua benta; mas ao olhar a pia, viu a agua enegrecida aquil e ali de moscas mortas e, affirmando-se, toda uma luzia feroz de vermes repulsivo que punham vibrações de colera na massa liquida. Saliu com tédio.

Devo esclarecer que Luiz Cotter possuia ou soffreu, como queiram, sempre uma apaixonada hydrophilia.

A agua pedía hygiene e tranquillidade e pureza de espirito. Amava-a com a mystica devoção dum indio das margens do Ganges. E os seus sentidos discriminavam nella — na agua commum e banalissima cores, diversissimas de cambiantes subtile, paladares delicados e varios, e vozes de expressão mui diversa. Enternecia-o a voz da agua viva na montanha, jorrante e espumosa, a cascata natural, e passava horas a ouvir o murmuro desse riacho por entre os choupos e salgueiros.

Pensei muitas vezes na delicada receptividade de Luiz Cotter para certas sensações, duma variedade infinita que me fazia sorrir da pobreza das classificações da psycho-physiologia. Observar Luiz era saber mais do que dizia o melhor tratado.

A sua acuidade olfactiva era particularmente impressionante. Luiz acabou por consultal-a, por

(Continúa no fim da revista)

A machina de escrever e a producção litteraria

Os Estados Unidos inundaram todo o mundo civilizado de automoveis e de machinas de escrever. Qual desses dois appa-
relhos tem prestado aos paizes dos dois con-
tinentes melhores serviços? E' o que resta
examinar. Mas occupemo-nos sómente do
segundo. E nem nos estaremos mettendo em
assumpto alheio, pois, segundo o sr. Corio-
lano de Medeiros, a machina de escrever é
invento parahybano. Ocaso é que ella veio
modificar nos processos mecanicos a lite-
ratura do mundo, veio dar novo aspecto aos
escriptorios commerciaes, onde hoje só se
ouve o seu *tic-tac*, veio crear mais uma arte,
tão nobre como a dos antigos copistas da
idade media, que escreviam com requintes
de perfeição sobre pergaminhos: a dactylo-
graphia. Ella que invade as casas de nego-
cio de todos os recantos do mundo e até
as redacções dos jornaes, onde cada redactor
possua sua *Remington*, a cujo *rythm* o deve
expressar idéas rapidas...

Os proprios romancistas e os novellistas ti-
veram de a adoptar. E adeus o prestigio das
bôas calligraphias! Influirá o escrever em ma-
china na qualidade da producção intellectual
dos auctores? Eis o que ainda falta concluir.
Já fizeram inqueritos a respeito as revistas
francezas. Houve quem atacasse as machinas,
por extinguir a espontaneidade da arte e hou-
ve também quem ao lado della se puzesse,
declarando-a uma invenção vantajosa para os
que vivem de rebuscar os archivos do espirito.
Hamlin Garland, Jean Cocteau, e Jean Ri-
chepin, o ultimo da Academia Franceza, for-
mam no grupo inimigo da escripta á machi-
na. São-lhe, contudo, favoraveis Theodoro
Dreiser, auctor em evidencia, Will Irvin e
Ludwig Lewishn.

O inquerito seria interessante também no

É GUAYAQUIL



O inquerito seria interessante também no

Viação nacional



Como o "vesti la giuba" para Caruso, a estrada de ferro do Paraná (dizem) é a corôa de glorias da engenharia brasileira... Está correndo.

Brasil. Não sabemos ao certo quaes os nossos
intellectuaes que preferem a vertiginosa es-
criptura da invenção norte-americana (mas
oh... imperdoavel falta de bairrismo) da in-
venção parahybana, á corrida calma, honesta
e burgueza do lapis ou da penna sobre o pa-
pel. Podemos registrar, porém, que todos os
redactores do grande diario portenho *La Na-
cion*, escrevem á machina. No Rio, há vari-
s jornalistas que adoptaram faz tempo esse
systema. O sr. Diniz Junior, por exemplo,
director d'A Patria. E aqui mesmo, entre nós,
temos Carlos D. Fernandes, que, quando não
dita, escreve na sua *Remington*. — F. F.

Todas as mulcres, até mesmo as peores,
podem ser perfeitas durante cinco minutos.

Salhi

SUSPIROS

Em Recife, chegou um pianista que como
principal attractivo trouxe consigo um piano
cuja marca não declinamos porque Suspiros
não fazem annuncio.

Dizem de lá que muita gente vae ao con-
certo para ver o piano. E só.

Suspirando aqui pr'a nós: o processo é tão
usado e abusado que não sabemos do que
admirar: se da veracidade da noticia ou da
ingenuidade de certas pessoas que ainda ac-
reditam no poder mythologico dos cachimbos
de barro.... V. V.



De Ductos:

Uma das pi-
meiras virtudes
sociaes é tolerar-
mos nos outros
o que devemos
privar em nós

respeito a mimos.

— ou quinn!

que faz sua mãe?

— Empadinhas.

— E seu pae?

DEPUTADO CARVALHAL FILHO, ADVOGADO E

Cartas de Mulher



dança era antigamente uma expressão do sentimento religioso. Chateaubriand definiu bem, tal era naquella tempo a pureza das artes rythmicas: *dançar é resar com as pernas*. Flaubert, alludindo, certa vez, a Taglioni, disse que ella pedia a Deus com as pernas o que as outras pediam com as mãos postas, em oração, naquelle mystico recolhimento das monjas.

Dançava-se no men tempo para matar a «sêde da alma», esse mal estar das mulheres, que se não define nem se exprime bem e que só ia encontrar allivio na musica, na poesia e, principalmente, no rythmo dos movimentos corporaes, na graça muda e na harmonia das atitudes, de que a dança tem o eterno segredo.

Hoje a dança deixou de ser aquella especie de exercicio religioso, aquella «arte casta», a que se referiu o vigoroso estylista de «Salomão», para se transformar, com a evolução dos tempos e da moral social, na arte de peccar.

Que é o «fox-trot»? Que é o tango argentino, e que coisa é o «schimmy» dos americanos, e o «maxixe» dos negros, que nós estylisámos, senão uma especie de delirio sensual?

Oh vós, paes—deixae que eu me dirija a vós—oh vós que mandaes vossas filhas dançar, dizei-me que é o que ellas dançam hoje, diante de vós, que fingis não ver o que todos vêem, colladas aos homens, sentindo-lhes o halito quente a lhes crescer a face e a lhes fazer arder, num rythmo estranho, o seio?

A arte coreographica nunca foi isso que ahí está. Aquellas atitudes cheias de graça e que respiravam innocencia, não se vêem mais: pereceram, como vai perecendo a noção da castidade espiritual das meninas, e morreu, como morreu, nos lares, o sentimento de Deus, para dar lugar a essas fórmas de um sensualismo delirante.

Aquelle rythmo suave e aquelle contacto leve da cintura e dos dedos, que davam á dança um caracter de dôce confidencia, de suavissimo idyllio, não existem já.

«Hoje se atraca a dama; não se roça a epiderme» assefinada com aquella timidez quasi religiosa de enlão, mas aperta-se, expreme-se, belisca-se, como outrora o faziam ás creadas de quarto. Não é um «flirt», dizia uma chronica mundana, mas uma luta sumata, corpo a corpo, em que, accrescento eu, só a mulher tem a perder e de onde poderá ella sahir, sem corar, para assistir, nos amphitheatros modernos, lições de anatomia topographica!

Nos meus tempos — e não sou das mais velhas Victólinas da terra — nos meus tempos, que são os mesmos tempos em que Sá Leitão e Bittê enchiam os nossos salões de dança com a sua radiosa mocidade de que, aliás, não têm elles saudade, por isso que ainda vivem dentro da illusão que se crearam de uma segunda juventude, uma moça podia sahir de lá para a igreja, com a mesma candura virginal nos labios e no coração.

Hoje, não. E era por isso que, há pouco tempo, Humberto de Campos, ao se referir ás moças que dançam tango, abria uma das suas chronicas com estas curiosas e ungidadas palavras: «Orae ... por ellas»!

V I O L Ê T A

DÉFIANCE

(Caricatura de Rosas Junior)



— Agora tu não gostas tanto de mim!...

— Ao contrario, filha, ao contrario.

— Como ao contrario?

— Agora já não me desgosto tanto.

Musa Fútil

— «O orgulho é innato em nossa gente
(Ruge o Anchises á porta esplendida de um Club.)
— «Um typo, sem valer coisissima nenhuma,
De um momento para outro, orgulhoso se apruma
Para aquelle que lhe é em tudo superior.
Num baile o que está dentro é alto, dominador,
A olhar com a mais fidalga e estúpida ironia
Para nós do sereno... O sereno é *hors d'élite*...
Não sei porquê, mas essa gente já me esquece,
Acha que eu já não sou da elite,
Que se estou no sereno é a falta de um convite...
Sim! presumpção é um facto em nossa gente...
— «Anchises! diz-lhe o Arsenio, calmamente:
«Isso acontece
A todo ex-presidente...»

* *

— Quem faz «Gavêta de Sapateiro»?
— Talvez Bitota — Porque Bitota?
— Devido ao pseudonimo do autor.

* *

— João da Retrêta! que ar de coveiro,
Que magua é esta que se lhe nota?
— Acabou-se a retrêta, meu amor...

* *

Que chuva eterna! — Este aguaceiro é uma uva
Para se responder de olhos serenos:
— Não há retrêta?
— Não,
— Quem a impediu?
— A chuva,
Assim revolta menos.

— Não há retrêta? — A Hygiene impediu —
— «Ora veja!
Então o povo num cinema ou numa igreja
Não é peor que se estivesse na retrêta,
Ao ar livre? — «Você tem razão, Albertina...
— Quem é aquella? — Aquella... é irmã desta,
E' Paulina.

* *

Foi a uma banca do «Moderno»: enquanto
A cerveja imitava em cada copo
O ruido triste e quasi abafado de um pranto,
Que lhes contei que ella me deixou,
E o que ella fez commigo...
Disse-me um: «meu amigo, ella nunca te amou»...
E outro: «há tantas mulheres... meu amigo»...

Nisto ella passa junto da gente.

Disse-me um: — seu andar é de uma ave ferida... —
E outro o nariz franzindo, indifferente:
— «Ora! dessas há tantas pela Vida»... —
E eu respondi-lhes: Ouçam-me! eu seria...
Embora sendo, como sou, um poeta e um pária;
Seria o mais feliz de vocês todos, se ella... —
Calei-me.

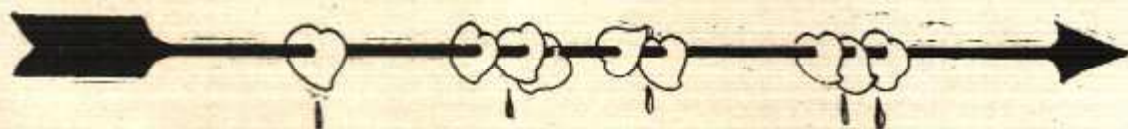
— «Se ella fôsse millionaria?» —
— Não a aspirava assim... — «Se fôsse bella?» —
— Não —
— «Se fosse poetiza? uma Poesia,

Como Sapho, a idear poesias? —
— Não. —
— «E então?» —

E eu respondi-lhes: Ouçam-me! eu seria
O mais feliz de vocês todos se ella...

... se ella tivesse coração...

J o ã o d a R e t r ê t a



O PROBLEMA DO ENSINO

IMPRESSÕES E IDÉAS DO SR. ALVARO DE CARVALHO

O sr. presidente João Suzsuna teve uma boa inspiração commissionando o sr. Alvaro de Carvalho, ex-secretário de Estado no governo Solon de Lucena, para ir à Argentina, ao Uruguay, ao Rio e São Paulo, com a prerrogativa exclusiva de observar e fixar os processos pedagógicos em voga nesses adeantados centros de civilização do lado sul do continente.

Sabia-se previamente que o emissário intellectual do mesmo governo, incumbido de uma comissão talhada mesmo para feições muito particulares do seu espirito, dar-lhe-ia um desempenho eloquente e consciencioso.

O relatório recentemente apresentado ao sr. João Suzsuna pelo escriptor contencioso excedeu, porém, às melhores expectativas que poderíamos fazer. Foi um documento dos melhores que se ha-

escripto entre nós sobre pedagogia e sobre os meios de imprimir mais accentuada eficiencia aos nossos processos de ensino.

Havendo observado numerosas escolas e instituições, o sr. Alvaro de Carvalho nos transmite a sua impressão pessoal. Mas não se trata de simples impressões. Presidiu-as um criterio em verdade fóra do commun, realizando o commissario parahybano



uma obra de senso e de pensamento.

Expõe os caracteres mais impressionantes de quantos estabelecimentos vislha, agita teorias ouvidas da propria bocca de educadores renomados, nas duas republicas platinas, como no Brasil; estabelece confrontos curiosos, para de tudo isso retirar harmoniosamente as conclusões que julga applicaveis ao problema regional da instrução.

Não nos move outro intuito senão o de registrar o apparecimento do Relatório do illustre educador parahybano, que nos presenteou gentilmente com um exemplar. Mas não quizeramos deixar sem um destaque especial o sabôr conservantista que á parte conclusiva do trabalho imprimiu o sr. Alvaro de Carvalho.

E' de parecer o auctor que os regulamentos de que dispomos satisfazem plenamente às necessidades do ensino. Nada, pois, de reformal-os pelo simples prazer da reforma e para as disposições novas jamais sahirem do papel.

Que se cumpram — bastenos isso — os regulamentos já existentes. O professor Juscelino Barbosa, traçando um artigo para *O Jornal*, de combate á inflação monetaria, disse mais ou menos o mesmo da Constituição brasileira. Temos uma das melho-

res constituições do mundo, mas essa constituição... não é cumprida á risca.

Registando a publicação do Relatório do sr. dr. Alvaro de Carvalho, por onde se depreheende o exito de sua missão no estrangeiro, mandamos-lhe as nossas felicitações.

Entre amigas intimas

Victalina — Januario está sempre a elogiar o meu rosto; entre outras coisas, chamou-o "classico".

A amiga — Classico... quer dizer antigo.

Quereis possuir um regulador de precisão?

CYMA



GRANDS PRIX
BRUXELLES 1910 — BERNE 1914

Procurai o alâmado relógio
«CYMA» na Joalharia
Mororó a Rua Barão do Tri-
umpho n.º 451

Le encontrareis variadissimo
sortimento em ouro,
prata ou nickel e por preços
resumidissimos.

Ide e vereis — "Joalharia Mororó"

COLLABORAÇÃO

A PRAIA: — Foi-se o Natal com suas alegorias christãs, o enlévo de suas missas madrugadoras, com o cantar do gallo, a circumcisão, com o alvôr de uma vida nova, e a miraculosa Epiphania com a sua eterna peregrinação de Magos. E dentro do êrmo de seu abandono ficou a linda faixa littoranea, que tanto viveu naquelles dias, agasalhada a sombra de verdejantes coqueiros, ondulando ao vento. O fremito, o extase, a contemplação do infinito, a graça envolvente de tudo... a vista desdobrada, perdida mar em fóra, a porfia de uma esperança, pousando ora nas velas alvaceas, ora nas altaneiras e garbosas quilhas, que vão rompendo as aguas! Almas soffrentes estendendo ao longo um vago olhar de saudade, corações embebidos acastelando sorghos ou amolentados por amoveis presentimentos... Eis todo o viver da praia, todo o encanto do paraizo mignon, quando a cidade escalda e estua nos seus dias adustos, senegalêscos. Hoje, porém, a praia já não é a mesma daquelles dias engalanados e festivos; hoje ella dormita como a princeza da lenda ou a fada do bosque, no seu egregio silencio de mumia, num suave somno de catalepsia, anestesiada, modorrenta. Só se lhe ouve o doce marulhar das aguas. E não desperta a não ser que a visão liturgica e branca do luar, alvissimo como uma hostia, surja dentre as ondas, e venha beijar-lhe numa acção de luz, o thalmo nitente de suas areias e a copa ramalhuda de seus coqueiros altos. E de mãos dadas com o luar surge a visão olympica e serena da saudade, que sobre o comoro estaca embevecida, como que defrontado alli, num escampo arclarado, a mesma ciranda alegre, a roda estrepitante de mimosas raparigas e mancebos guapos de pés descalços, lanchos ao pescoco, na delicia dos bam-

bolêios, na cadencia do batuque e das palmas, requebrando ao luar a dança innocente do côco. E a lã espanteja aos ares:

Vou-me embora, vou-me embora, Helena,
Como se foi a baleia, Helena,
Tenho pena de deixar, Helena,
Meu amor em terra alheia, Helena.

— Ai, Helena! Ai, Helena!

A praia desperta e sorri no doce encantamento da noite enluarada... Depois o luar, na sua dolorosa descensão, desaparece, e a saudade langue e vaporosa, some-se por sobre as vagas, diluindo-se... E a praia adormece novamente. O vento canta uma lithania equorea que Amphitrite lhe ensinou. Tudo emmudece... Se bem-estar há no mundo, se alegria paira na terra, fica ahi nesse recanto adoravel, nesse reducto de terra entalada entre os coqueiros e beijada pelas ondás, que a gente vai buscar no declinio dos annos para fugir das caniculas implacaveis. Que dalli passe arredo o vehiculo conductor dos preconceitos e da vaidade humana. Que boa é a praia assim no recato de seus costumes, na simplicidade de seus habitos, no rudimentarismo de sua vida rustica, tão conforme com os impulsos de nossa natureza! E' balsamo de todo o soffrimento; e quando se perde a felicidade do coração só há este recurso de felicidade terrena... Que longe passe a caravana perniciososa do luxo para que não profane a virgindade da terra, e possa a alma da gente sentir a alegria mais santa deste mundo.

— JOEL PINTO.

As mulheres são extremas: são melhores ou piores que os homens.

La Bryons

A esthetica como o principal factor de desenvolvimento na instrucção primaria

(FIM)

antes uma amiga mais velha que uma superiora. Chegam sempre antes do inicio das aulas e é com tristeza e amôo que sentem bater a hora da retirada.

Podem fallecer a essa professora as reaes aptidões para o magisterio, porém muito mais copiosas serão as colheitas no jardim illuminado pela magia de sua formosura, que no tratado, com todos os rigores technicos, pela mestra desapercibida de uns tantos dons de attracção.

Na escola de uma há luz, há jubilo, há enthusiasmo. A da outra é uma atmosphera sombria, pesada dos halitos do aborrecimento. Numa, o ar é transparente e a palavra vai direita ao espirito da creança. Na outra, o ar é espesso e a expressão se perde nas suas dobras.

Porque ao lado, pois, dessas commissões de competentes para julgamentos das mais capazes, não trabalha uma outra de esthetas para a eleição das mais bonitas? E' tresdobrado o gosto para o estudo quando nol-o ministra uma mulher bella. E o nosso espirito parece tornar-se mais leve, e a nossa intelligencia mais fertil. O unico perigo a evitar é o dos adultos quererem se hobrear nos bancos das escolas com as creanças. Mas isso já é uma questão policial. Deixo ahi a idéa que até aqui não vi expressa em nenhum trabalho sobre instrucção... Julgo a sua applicação decisiva na acquisição facil e segura desses necessarios conhecimentos cuja transmissão está confiada, em sua maior parte, ás professoras

Lauro Montenegro

A amizade

A amizade diminúe e extingue-se quando entre dois amigos um é muito feliz e o outro muito desgraçado.

Carmen Silva

A amizade do homem é, frequentemente, um apoio; a da mulher uma consolação.

La Rochefoucauld

As amizades dos mãos são contagiosas; pervertem os bons.

Marquez de Maricá

A amizade é como uma alma em dois corpos.

Aristoteles

A amizade é como uma especie de radio que penetra os corações.

Sylvio Romero

A amizade é-nos dada pela virtude, não para favorecer o vicio mas para auxiliar a virtude.

Cicero

A amizade é o cimento da vida.

Jacques Amyot

A amizade perfeita não póde existir senão entre os bons.

Aristoteles

A amizade tem sido sempre um sentimento masculino.

Joaquim Nabuco



Directoria da «Associação dos Empregados no Commercio de Campina Grande». — Presidente, João Cândido Duarte (1); vice-presidente, Pedro Egydio (2); 1.º secretario, Gasbino Donato (3); director-local, João Amaral (4); thesoureiro, Epaminondas Camara (5); director-fiscal, Christiano Pinheiro (6); trailler, José Maciel (7).

Crimes e Criminosos

(FIM)

cinemas, etc. Mas tenho para mim, que o cangaceiro dos nossos sertões se origina de fontes mais complexas, de causas pouco conhecidas, que têm escapado à argúcia dos nossos criminólogos. Elle data da nossa colonização, em luta com o selvagem no seio da floresta. Nessa época, a traça, o systema de emboscada, para collir o inimigo e destruir os seus haveres, era o mais usual, e o selvagem, sob esse ponto de vista, foi de uma pericia inextinguível. Sendo elle um dos nossos factores ethnicos, herdou-nos essa tendencia ardilosa que se infiltrou na raça assimilante, reportando, quiçá, por leis atavicas, em cores mais acêscas, nos habitantes dos sertões norestinos.

Assignala-se outro factor do crime, entre nós, a meu ver muito preponderante: — o proteccionismo, dando ao vocabulo significação mais ampla. O sertanejo, concedendo sempre as devidas resalvas, é, em geral, ávido de posições. Os que são investidos de qualquer função publica anelam por dominar o meio em que vivem. Procuram dispôr de forças, se tornam temidos dos outros homens. Não encontrando recursos para collimar o fim almejado, subordinam com a illusão do poderio, nas classes inferiores, individuos que estejam sempre sob a sua dependencia. São, na maior parte, impeterritos defensores do crime. Por qual quer motivo, incentivam questões, sobre tudo as de limites de terras; burlam, geralmente, os direitos dos que lhes são menos affectuados; protegem os seus cabras, a titulo de *maroadores*, e são quasi sempre, causa indirecta de grandes luctas e grandes delictos. Guindados à posição politica, contra a qual ninguém se levanta, pela desillu-

são de tentativas frustradas e causa de novos crimes, em consequencia da vindicta contra os denunciados, exercem, no meio social em que vivem, o dominio de completo absolutismo. Os cangaceiros que estão sob a sua protecção, não podendo trabalhar, e querendo fazer a vida mais facil, certos que não serão perseguidos, e se o forem, terão sempre a frente o patrão para os defender, abandonam o trabalho, entregam-se o diabolico e também a vida, se resistir, ou para se libertarem a revidas ultimas. E, desse modo, propaga-se o crime, formando-se assim um meio tenebroso, onde os grandes scelerados são temidos, respeitados, incentivando as novas gerações, pelo desgraçado exemplo de todos os dias, a pratica de apavorantes delictos, sem a manifestação de nenhum remorso. Não attribuo como Duguet e Joly a continuidade dos delictos à multiplicação das classes menos abastadas, porque a regra geral é que os analphabetos não são criminosos; antes são mais fiéis ao trabalho e, consequentemente, de bons costumes, pela falta de aptidão para cargos publicos e mesmo de outra natureza, que só cabem aos mais letrados. Portanto, pelo menos no criminoso norestino, aos factores kosmicos, e mesmo phisicos e psychicos, em accepção restricta, superior ao social posto que se lhes concede mais amplitude. Ainda ha, entre nós, outra causa productora do crime: — o policiamento. Em grande parte dos casos, a autoridade policial que se propõe a manter a ordem e dar caça ao bandido, não está à altura das funções que exerce, e leva ao desespero muito cidadão honesto e ordeiro. Assim é que pelo simples facto, de passar uma banda de bandidos por uma fazenda, e pelo terror que causa abastecer-se de alimentos, o proprietario, sem meios de obstar a invasão, não raro, é espancado pela policia, incendiados os seus haveres, quan-

do não é attingida a honra do lar. Uns se conformam ao silencio, com esse amargo infortunio, quando outros se dispõem a um desforço, incorporando-se ao grupo de bandidos dezenas de homens validos que viviam, exclusivamente, do seu trabalho honrado. Antonio Silvino, Lampeão, irmãos e muitos outros scelerados fizeram-se cangaceiros, porque viram seus velhos paes e outros membros da familia, mortos, esbofeteados, sem nunca terem commettido crime. São innumerados casos dessa ordem em nossos sertões. Felizmente, os governos têm tomado, ultimamente, medidas salvadoras nesse sentido. E', como travam lucta com a policia e com inimigos que, facilmente adquirem, os cangaceiros procuram sempre o amparo de um patrão que os oriente na vida, premunindo-os de perseguição, e, para lhes não faltar apoio, entregam a este dinheiro e objectos arranjados. E, já sedico o proloquio entre o sertanejo; «onde ha cangaceiro, ha protector». Este, porém, quasi sempre, não é conhecido dos poderes publicos, porque o denunciante se arriscaria a não ser acreditado, a perder a propria vida, arruinar a sua familia, devido a posição social e, talvez, politica do grande conductor de feras humanas. Os criminalogistas classicos têm também como fonte do crime a falta de religião, ao que se oppõem os da nova escola, argumentando com estatisticas arranjadas que a maior parte dos scelerados é composta de crentes, pois quasi todos desses individuos, além de crerem em Deus, têm orações fortes, breves etc, com que se julgam invulneraveis. E' um erro manifesto. Assim como elles não têm instrução letrada também lhes falta a religiosa, pois são, em geral, supersticiosos como o indio, fetichista como o negro africano, acreditando todos na força de orações à lua, às estrellas, indo buscar nos sonhos, no canto de certos passaros, aviso da aproximação do inimigo ou de planos de emboscadas, manifestando dess'arte, nenhum conhecimento da doutrina christã e dos seus preceitos mais rudimentares. São também, por vezes, blasphemos, signal de classica ignorancia, desafiando o proprio Deus, quando se propõem a accometter o inimigo. Ora, a religião não auctoriza nem tolera a pratica dessas coisas; ao contrario, condemna-a em absoluto, como todos conhecemos; logo é claro, muito claro mesmo, que taes individuos estão muito longe do espirito religioso que se lhes quer emprestar. Tivessem elles outra intuição religiosa, observassem os principios mais elementares da moral catholica, e a criminalidade não seria tão espantosa, desde que haveria um freio às suas paixões, obstando-lhes a perpetração de crimes tão barbaros.

O criminoso do noresté não é, pois, um doente, um epileptico, como pensa Ferri e outros, nem tão pouco fôrma em linha com os typos da galeria lombrosiana e seus satellites. E também as causas do crime, em nosso meio, salvo casos esporádicos, não estão subordinados aos factores kosmicos, nem tão pouco a falta de instrução, a deficiencia de alimentação, má imprensa etc, segundo a opinião de H. Joly e Ettinger. Esse conjunto de circumstancias que se poderiam classificar de *sub-causas*, entra, na genese do crime e na formação do homem criminoso do noresté, como pequenos regatos se que lançam no oceano, sem lhe augmentar a massa liquida, mas prestando-lhe o seu tributo, pela homogeneidade de elementos, de modo pouco apreciavel. Pelo menos para o criminoso sertanejo, os factores sociaes, esgalhando-se em politicos, ignorancia religiosa, proteccionismo, entroncando-se no cerne da nossa colonização, estão a cavalleiro dos que mais ferem a retina dos nossos criminologos antigos e modernos.

COMMISSÕES, REPRESENTAÇÕES, SEGUROS E VAPORES

FABRICAS, COMPANHIAS E IMPORTANTES FIRMAS NACIONALES E EXTRANJEIRAS • COMP. ALLIANÇA DA BAHIA • HUGO STINNES LINEN-HAMBURGO

CODS. RIBEIRO, BORGES, MAS-
COTE, ABC. 5.ª Ed. e PARTICULARES
TELEG. **ORBITTO**—PARAHYBA

ORESTES BRITTO

RUA MACIEL PINHEIRO, 77
PARAHYBA
CAIXA POSTAL, 78

PARAHYBA DO NORTE — BRASIL

O TIO FOLUCA (Fin)

sando sobre coisas indifferentes. De repente suspendemos os remos e, atônitos, espantados, olhávamos para a nossa frente. Ha poucos metros estava meio corpo fóra d'agua, o tio Foluca. Todos exclamamos: «Olha o tio Foluca! Elle sorriu-se fez adeus com a mão e mergulhou. Vimos se formarem os circulos na agua, tal qual acontece quando uma pessoa submerge-se».

— O que me espanta é que homens serios tornem-se propagadores de semelhantes mentiras.

Mas, senhor doutor, não podemos julgar da vida, pois é possível, nestas condições, nos enganarmos?

Apesar da sinceridade com que falavam,

CERVEJA

ANTARCTICA

PILSENER

procurei mostrar-lhes ser impossivel um homem viver no fundo de um rio e existirem palacios encantados.

— Póde o doutor dizer o que quizer, mas o facto é que vimos o tio Foluca no meio do rio, elle que desapareceu há tantos annos.

O testemunho destes quatro homens confirmou a lenda e dahi em diante o viajante que passava ao meio dia ou a meio de luar em frente ao Maiauarú via o velho Foluca, meio corpo fóra d'agua ou ouvia o seu conversar com as yaras no meio dos aturais da margem (2).

Uma noite appareceu o espirito do Tio Foluca para ensinar-lhe um remedio que devia curar-lhe uma filha enferma.

A COMPANHIA ANTARCTICA PAULISTA acaba de lançar no mercado uma nova marca de cerveja **ANTARCTICA PILSENER** em cuja manufactura são empregados lupulo e cevada de primeira qualidade.

O novo typo **especial** é o unico em toda America do Sul que rivalisa francamente com a afamada **Pilsener Allemã**. — **ESPERIMENTEM-N'A !**

FABRICA POPULAR

DE FERREIRA AMORIM & C.

CASA FUNDADA EM 1875

Toda movida por Electricidade



**Especialistas das afamadíssimas
marcas de cigarros:**

Delicias, Populares, Espinho Verde, Santos Dumont, Amorim, Simão Leal,
M. Lda, Smart, Oito, Dobra, Mary, Guarany, Pernas Finas, Morenos, Palha, Cor-
opa, Hilda, Comendador, S de Aguiar, Globo, Vencedores, Condor, Victoria, Presidente
Wilson, Perlas, Lucy, Pernambuco, Dora, Dantas Barreto, Castro Pinto, Solon de Lucena,
Nelson, Progresso, Bugata, Antevotos, Cigarillos Bahiano, Electra, Brasil Club, Mariette, Ve-
nancio Silva, Albertine, Chaminado, Rapaz, Venturina, Mimosa, Victorinas, High-Life, Daniel, De-
lleados, Estrella, Oito, Chaminado, Mascotte, Fidalgo, Santo Antonio, Dois Amigos, Sem Rival, e outras
numerosas marcas - Fabricadas com fumes de primeira qualidade.

Mantem sempre grande stock dos charutos Dannemann e Stender, da Bahia,
e variados artigos para fumantes, os mais exigentes.

TRABALHAM EM SUAS OFFINAS, 340 OPERARIOS.



Endereço Teleg.: POPULAR

CAIXA DO CORREIO, 58.

RUA MACIEL PINHEIRO N. 133

PARAHYBA DO NORTE

NO'S

Era uma história simples e sombria,
que a minha velha pagem me contava.
Eu tinha a graça da innocencia — e ouvia,
ella, o encanto dos velhos — e falava.

Naquelle mesma historia, todo o dia,
que novas emoções eu não achava!
— «o principe cresceu . . . » ella dizia —
quando eu fôr como o principe — eu pensava . . .

Deixa também que a nossa pobre historia
viva sempre no fundo da memoria
e a tua bocca, tímida, a repita . . .

Hão de tremêr os homens e as mulheres,
quando algum dia, contando-a, tu disseres:
— «Era uma vez uma mulher bonita . . . »

GUILHERME DE ALMEIDA

NICOLAU DA COSTA

EXPORTADOR DE ASSUCAR

Refinação e trituração a vapor

Armazens de estivas em Guara-
bira e Alagôa Grande.

Agente da Standard Oil e corres-
pondente do Banco do Brasil.

Teleg. — BINHA
PARAHYBA

A receita definitiva...

Um medico veraneava numa das nossas
praias, e sahira de espingarda ao hombro para
ir á caça, quando um desses typos eterna-
mente pessimistas quanto aos médicos, lhe gri-
tou de longe:

— Então, doutor, já não tem confiança nas
receitas e vai de espingarda, chin?

DOMINGOS GRIZA & Cia.



A ALFAIATARIA

DOS

ELEGANTES

RUA MACIEL
PINHEIRO

DAS "ULTIMAS CIGARRAS"

MANHÃ DE CHUVA

Chove. Nas frondes insistentemente
Se infiltra a poeira fluida da garça ...
Num galho de mangueira fluorescente,
Canta a cigarra: ai como a vida é boa!

Espanejando as folhas de corrente
A árvore espelha a namorada alva.
Ai como a vida é boa! — água corrente
Diz e a montanha: — ai como a vida é boa!

O contacto da chuva eterna e gela
O monte escuro, a terra sem desmaio,
Tudo, ante a vida que vem do céu se inclina

Só a cigarra canta e o canto dela
Dá-me a impressão de ver o ultimo raio
Do sol, balando, dentro da névoa ...

Olegário Mariano

Armazem de Estivas, Louças, Vidros e Exportação de Assucar

DE

BENJAMIN FERNANDES & C.

CAIXA POSTAL N. 3 — CODIGO — RIBEIRO

Endereço Telegraphico — FERNANDES
Praça Alvaro Machado, 16.
PARAHYBA DO NORTE

GRANDE ARMAZEM DE ESTIVA

F. H. Vergára & C.

VINHOS DE TODAS AS QUALIDADES

ALCOZUME, ARAME FARPADO, MADEI-
RAS, SALITRE, ENXOFRE E CIMENTO.

Todos os artigos do ramo de estiva

DEPOSITO PERMANENTE DE FARINHA DE TRIGO

Serraria, descascamento de arroz, a vapor,
Refinação de assucar, Torrefação de
café e Fabrica de cigarros.

Filiaes em Campina Grande e Guarabira

Praça Alvaro Machado, 6 — R. Desemb. Trindade, 14 e 16.
Praças: Santos Dumont e 15 de Novembro.

Endereço Telegr. VERGÁRA

PARAHYBA**Ford****O AUTO UNIVERSAL**DOUBLE-FRACTIONS 5 passageiros com
partida automática.DOUBLE-FRACTIONS 5 passageiros com
partida e motor desmontáveis.

VOITURETTE com partida automática.

SEDAN com partida automática.

CAMINHÃO (Caminho) — Tractor FOR-

DSON — Peças legítimas FORD

Peçam prospectos e informações aos agentes.

G. PETERONI & CIA.

Rua Maciel Pinheiro, 198 — Parahyba.



SOCIÉDADE ANONYMA

WHARTON PEDROZA

SEDE: — NATAL — Caixa Postal n. 44

FILIAES — Parahyba, Campina Grande e Alagôa Grande

COMPRADORA E EXPORTADORA DE:

Algodão, Carvão e demais Gêneros do Paiz.

FILIA DE PARAHYBA

Caixa, Postal 49.

End. Tel. "WHARTON"

Palacete da Associação Commercial

FRAGILIDADE DE UM GRANDE ESPÍRITO
(CONTINUAÇÃO)

escutala-a como a uma companheira fiel, porque essa acuidade olfactiva advertia-o. Mais duma vez a sua boa fé nas relações sociais foi defendida por um desagradável cheiro, que outrem irradiava e vencía os perfumes e os cosméticos, como feiçosa emanção espiritual. E Luiz dizia, não sei se ironizando, se improvisando uma theoria, que os espiritos tinham emanações próprias e bem individualizadas, que se recebiam pelo olfacto. Nunca estivera ao pé dum homem prevaricador ou concussionario, dum peccadora que a sua agudeza olfactiva não denunciasse, porque uma desagradável emanção vencía os disfarces da perfumaria.

A hydrophilia entrava em muito nas peculiaridades caprichosas de Luiz e desempenhou papel não pequeno na sua determinação, quando a dor e a sede de idéas extraterrenas lhe encaminhavam os passos para a Igreja, e os politicos do catholicismo já o saudavam como um dos seus.

Muitas das suas fragilidades eram para mim e para os meus amigos mais intimos como traços de união com a nossa vulgaridade, porque o humanizavam, o traziam até nós, o faziam partilhar dos nossos interesses diarios, dos nossos preconceitos irraciocinados.

Uma tarde, Luiz com um dos meus filhos sobre os joelhos, contava-lhe uma das suas historias improvisadas, uma côrte maravilhosa, jardins encantados, princezas louras captivas dum dragão furibundo, que esse meu filho, heroico e paladino, libertava com sua espada cavalheiresca. Essas historias eram a delicia dos meus filhos, mas a tortura de Luiz porque instado para as repetir noutro serão-amigo, nunca o fazia a contento dos seus pequenos ouvintes, e um novo improviso brotava da sua imaginação bondosa.

Este homem, que nunca fôra pae, era a mais perfeita vocação paternal, melhor diria o avô mais terno e mais querido e mais familiar, porque não tinha barbas brancas, nem impaciencias, nem era invalido.

Eu tinha acabado de ler «La novela de un novelista», de Armando Palacio Valdés. E contava um episodio, que particularmente me impressionara. Num rovo maritimo do storn da Hespanha vegetava vida de preconceitos e rancoris politicos, um sapateiro Mameito, iracundo contra o throno e contra o altar, sempre vomitando imprecações, que já lhe haviam feito conhecer carcere e degrados. Mas essa alma odienta tinha um rincão de belleza, o seu amor apaixonado por uma filhinha, linda como um anjo.

Um dia annunciou-se a chegada ao pequeno porto da rainha Isabel II, e isso foi motivo de regozijo e ornamentações do povo e de novas coleras revolucionarias para o sapateiro. Mas acudiu também ao cêr com a filhinha, tirou o chapéo «de mala gana» e esperou-a numa attitude expectativa.

A rainha desembarcou, recebeu os cumprimentos, distribuiu sortidos, subiram os foguetes e as acclamações, e ella avançou saudando a um lado e outro. Passa junto do sapateiro, repara na creança logo pára:

— Oh! que encanto de creança! — exclama embevecida. — Que formosa és, filha minha! Que Deus te abençoe. Dás-me um beijo? — E erguendo-a do solo nos seus regios braços, beijou-as nas duas faces.

Então o sapateiro revolucionario, que padecêra prisões por seu odio loquaz contra reis e rainhas, empallideceu de comoção e soltando o chapéo gritou com fôrça:

— Viva a rainha!

Ouvindo a minha narrativa, Luiz cingue-se entusiasmado, achando o episodio digno do «Curacao», de Amicis e louvou uma vez mais o poder transfigurador do Amor, janella aberta e todas as brisas suaves ou ao cyclone varredor, sempre fecundo, sempre bemfazejo, até quando parece que destrôe.

Era assim este homem, encantava-o a vacillação das mais fortes convicções, fundadas no raciocinio, avigoradas no soffrimento, ante o sopito debil que do coração provém.

CHARLES MAURRAS

«Daudet escreve na «Action Française» um longo artigo sobre o livro de Maurras «Barbarie et poésie». Para Daudet, Maurras é o mestre da critica contemporanea. Magistral na litteratura como na politica diz elle.

Daudet pensa que a politica não é independente da litteratura: uma commenda a outro. A Revolução sahia de um levante de homens de lettrés.

Todos os erros politicos e litterarios chegam á barbaria, ou seja a extensão da confusão mental. Cabe á critica politica da litteratura dissipá-la. E tal é o papel de Maurras.

Crítica no sentido de discernimento, de juiz de escolha de separação do falso do verdadeiro.

Maurras leva-nos á grande critica tradicional e pre-cartesiana. Da poesia como da prosa, elle procura infatigavelmente as raizes, e analisa as dominantes e caracteristicas desse ou daquelle autor.

Daudet salienta que a primeira qualidade do critico nato é a coragem intellectual. Coragem que se sobrepõe á moda, ao ambiente, aos preconceitos, etc. Essa coragem Maurras a possui em alto gráo, como todo grande affirmativo, como todo espirito positivo.

O liberalismo imaginou que a hesitação e o scepticismo renaniano eram prova de coragem intellectual.

Mentira! Renan é um fanático timorato. Eis porque o termo «criticismo» convém melhor aos seus trabalhos, seductores na forma e vãos no fundo que a palavra «critica».

E Daudet conclue dizendo:

«Entre as paginas desse livro, recomendo-vos o estudo consagrado á Academia franceza de 1802 até nossos dias. Essas paginas, que datam de 1895, têm um caracter prophético.

Que época a nossa em que a influencia de um cretino como Doumic, junto ás ambições de Barthou e á obtusidade intellectual de um Richpin e de um Prevost, afastam da Academia, do que foi a Academia, o primeiro escriptor e o primeiro critico de nosso tempo!»

(D. Daudet, de Paris, 1914)

MARCELLO PEYRET E O BRASIL

O sr. Tristão de Athayde foi o substituto do sr. Agrippino Grieco na columna litteraria d'O Jornal, do Rio de Janeiro, cargo que occupou, aliás, antes da entrada do autor de *Caçadores de Symbolos* para aquella redacção.

Amoroso Lima, que é o verdadeiro nome do sr. Tristão de Athayde, é uma intelligencia clara, educada e com um certo refinement de temperamento.

Dizendo algo sobre o ultimo livro de Marcello Peyret, o triste escultor argentino, cuja sensibilidade esta «à flor da pelle», pela ansia de se sentir ephemero, fragil, incapaz ante a maravilha quente das formas», o critico carioca salienta a aporofagia que hoje sente o agudo instantaneo portenho pelos nossos humores e mitos brasileiros. E' no seguinte trecho de sua chronica:

«Da Argentina também, do paiz do gado o do trigo, dos homens de acção que cortaram de trilhos as suas planicies, que elevaram o seu cambio quasi ao par, que venceram a anarchia, que aniquillaram os Paquidos, que encham os navios e os hotéis da Europa com a vulgaridade de sua voz estridente, de sua alegria despreocupada ou de seu orguiho, da opulenta e pratica Argentina, o menos tradicional dos filhos de Hespanha, e hoje o mais universal e o mais poderoso, — é

que me vem ás mãos o livro *«Memento mori»*, o livro romantico de um romance universal. O mundo moderno parece que não comporta mais disso. Os poetas de hoje não dispõem de voz, os pintores fazem lópis e caneta, os romancistas sabem fazer o «coping» de avião. E não há mal nisso. A mão morta e a habilidade physica não podem penetrar a sensibilidade ou o pensamento. Podem até saneal-o como há mais de dois mil annos se sabe, quando gravaram no túmulo de Eschylo não louvores á sua obra, mas á sua coragem. «Sobre a minha bravura interrogae a planicie de Marathona» exclamava Sophocles dançando nã nas festas da cidade de Salamina. E agora, apesar do que disse esse mesmo Sophocles sobre a maravilha das creações humanas, recuando até mesmo os limites da morte, — apesar disso ainda não foi possível evitar a miséria destes

nos palcos de carne, em que resumidos o universo, áridos de voltar ao pó inicial.

Marcello Peyret vive lutando contra a morte. E essas moléstias do peito, que em regra só matam aquelles que não têm meios ou cuidado de combatel-as, mas collocam a creatura sempre no limite da vida e a cada instante, a cada vez, revolvem desse encanto doloroso das coisas que vanno delirar, — essas moléstias excitam no espirito um calor de vida e nos sentidos uma sensibilidade que a razão em regra não permite.

Tudo em Marcello Peyret está tingido por uma sensibilidade á flor da pelle, pela ansia de se sentir ephemero, fragil, incapaz ante a maravilha quente das formas. Não são ideias, não é o mundo de espirito, que seduz aquelles que, como Peyret,

convencionalismo que seculos de literatura lhe têm dado a ponto de ser positivamente uma necessidade supprimit-o compulsoriamente, por algum tempo da literatura, como o nú da pintura, a Grecia da poesia, ou Chopin da musica...

Em «Cartas de Amor», romance apparecido há uns dois ou três annos, Peyret já mostrara toda a sua paixão por esse poema do coração e dos sentidos que a mocidade callosa, invencivelmente, «Los Tufos» seu recente romance, de grande exito pelo que indica o numero de milheiros vendidos, é ainda mais característico de sua maneira. Não se creia que «maneira» indica shi um proposito deliberado do artista. Peyret é um espontaneo, é um impulsivo, seus romances são sempre elle mesmo. E nos proprios contos, que reuniu sob o título de «Mientras las horas pasan...» é

ainda elle que surge a cada momento. Basta dizer que o «leit motiv» de sua obra, esse thema que sempre existe, mais ou menos occulto, em todos os livros, é — a tosse. E' positivamente a expressão physica do seu «memento mori». Em «Alta Gracia», fôra mais positivamente naturalista, e por isso mesmo inferior, procurando descrever a famosa estação dos tysicos das ferras de Cordoba. Aliás, seus contos lembram muitas vezes o realismo de Maupassant.

E por isso mesmo, seus melhores livros são realmente «Cartas de Amor» e «Los Tufos», sobretudo este. «Os Polvos» são as mulheres.

Payret, que tem por ellas o deslumbramento da fraqueza pela saúde, do crepusculo pela madrugada de tudo o que se sente morrer, que se sente fraco, doente, incapaz — por tudo que é vida, mocidade e amor, — lançou, nesse apaixonado romance, tão romantico mas tão exacto, de traços firmes, de contornos seguros, de realidade apaixonada, uma invectiva contra essa lei inexoravel que faz com que a vida se alimente, inexoravelmente dos fracos. E as mulheres são, nesse caso, o que a vida tem de mais seductor e de mais voraz e o homem, continúa a ser o docil «paulino» de Pierre Louys. Nem sempre, mas Peyret não quer ver o outro lado. E matraitando as mulheres tem a certeza de attrahil-as.

ERA NOVA

Director — Severino de Lucena — Redactor-chefe — S. Guimarães Sobrinho — Redactor-secretario — Anthenor Navarro
Gerente — Francisco Benevides — Direcção technica de — Mandakêo Nacre

NOTA — Toda correspondencia de numero commercial deve ser dirigida ao gerente, sr. F. de S. e Benevides.

0 0 0

Imprensa nas officinas da IMPRENSA OFFICIAL

sentem dentro de si, a cada minuto, a phrase, a unica que os trappistas pronunciavam ao cruzar os campos que cultivam ou nos claustros que palmilhavam em caminho da cella nua. «Memento mori» diz-lhe de dentro a miséria humana. E a esse som de gongos oriental o mundo das formas se desdobra em seducções inconcebiveis. E' a forma das coisas que os atrai. E' a carne palpitante dos amantes moços, é a luz da paisagem, é o movimento, a vida, a saúde que irradia das coisas e das gentes, é tudo o que ludica o desprezo da morte. Elles que sentem a inimiga perto, que nunca podem fugir da sua fragil presença, invejam em tudo esse desprendimento de morrer que a natureza morta ou viva e a mocidade apparentam.

Oh o encanto das mulheres de Peyret. O amor perde em seus livros um pouco do

No prefácio de «Mientras las horas pasan...» Marcello Peyret traz um excelente testemunho à these, que varias vezes aqui sustentamos, de que a intelligencia, aquella exclusivamente intellectual e artistica, seja capaz de vencer a politica que é geralmente o interesse pratico e immediato. Corrige-a contudo, introduzindo na politica um momento de intelligencia. E só a politica sem intelligencia pôde contrariar esse ideal do americanismo que nos deve animar.

Eis o que Marcello Peyret affirma sobre o desconhecimento nosso, na Argentina, entre as classes mais altas. «Para nuestro pueblo, um brasileiro era um senhor mais o menos indolente, que se pasaba la vida contemplando paisajes o discutiendo ante un pocillo de café las fuerzas armadas de sus vecinos. Luego se puso de moda la mazurka» y agregamos, un poco de musica al pobre concepto en que lo teníamos. Hace unos años hemos cambiado de parecer. Y son los literatos del Brasil los causantes de ese cambio, al revelar-nos toda la sensibilidad, toda la delicadeza, todos los valores del alma brasileira... Afirio que solo temos conhecido al Brasil, cuando sus obras el coeficiente de sua espiritualidad, esto es, de sua verdadeira grandezza.

Estas palavras, partindo de um homem como Peyret, que é um sincero, um bom, uma creatura sensível e fina, e que tem nos meios intellectuaes platinos a situação que elle possui, são a melhor recompensa para todos aquelles que entre nós também confiam na acção imponderavel e lenta da intelligencia e da sensibilidade.

COLLABORAÇÃO

A VIOLA

É certo ser tanto mais amarga a desillusão, quanto mais fagueira é a esperança.

Senti a plenitude desta verdade, hontem, ao voltar do «Rialto».

Há mezes já, no meu viver quasi rural de Cabo Frio, não experimentava a perturbação turbilhonante da vida febril de uma grande cidade.

Só hontem, por uma necessidade de novas emoções e um pouco de arte, de que já estava faminto o meu espirito, saltel neste Rio immenso e louco, este Rio fantastico e desconhecido dos proprios cariocas, que só o vêem exteriormente.

Ao pegar nos jornaes, minha primeira attenção foi para o noticiario das artes.

Lá estava:

«Estreám hoje no Rialto os oito turunas pernambucanos».

Fiquei num alvoroço.

Não por serem elles turunas, mas por serem pernambucanos, isto é, do norte.

Resolvi immediatamente fazer delles o meu aperitivo artistico, e, enquanto mudava a roupa empoeirada da viagem, fui dispondo todos os sentidos para commungar a alma do tava faminto o meu espirito, saltel neste Rio

Mas a chuva que era, ante a expectativa de uma hora de sonhos, de recordações antigas, cocainizada de esperanças doces...

Antes da hora, pois, já estava eu no Rialto, a espera...

Annunciava o programma musical, typicas canções regionaes, estylização sertaneja, e todo eu era um vibrar ansioso de nostalgia triste e de desejos longos, se chucando...

La ouvir de novo a alma cantante das violas e dos pifanos, contrastando com o ritmo dos zabumbas e o rular das caixas de couro de cabra, no samba sapateado do camponez da minha terra.

O contraste das dolencias flebeis de uma viola com o bum-bum estrupitante de um zabumba caracteriza, o que ha de mais real na alma sertaneja, ora guaiada e melancolica á beira dos rachos, ora bravia e trovejante como o berro do maruá leroz.

Toda minha esperança, emtanto, resultou numa deploravel desillusão.

Os Turunas são artistas; sabem falar a divina linguagem universal dos sons. Suas flautas, seus violões, pandeiros e réco-récos intil-tram-zos a deliciosa esthesia do movimento, das vibrações agitadas da vida, mas não são do Norte...

Não são!...

Aquella musica, aquellas canções, aquellos instrumentos pôdem ser uma imitação, mas não são da minha terra.

Falta-lhes uma coisa, uma coisa indispensavel:

—Uma viola.

Eu não podia me enganar.

Para o sertanejo toda musica sem viola é extranha ao seu ouvido, ao seu gosto, á sua alma.

Son nortista, graças a Deus, e não comprehendendo musica da minha terra sem uma viola.

Ninguém como ella sabe vibrar e gemer

SOUZA CAMPOS & C. Ltda.

GRANDES ARMAZENS DE FERRAGENS

SECÇÃO DE VENDAS A VAREJO, A PR.ÇOS SEM COMPETENCIA.

ARTIGOS DE ARTE

E USO DOMESTICO DE

PRIMEIRA ESCOLHA

End. — SOUCAM

TELEPHONE N.

RUA MACIEL PINHEIRO

PARAHYBA

BANCO DA PARAHYBA

Rua Maciel Pinheiro, 77. — Capital 1.084:800\$000

Tem correspondentes em todas as cidades do interior deste Estado e nas principais praias do país.

Effectua descontos de notas promissórias e duplicatas de facturas assignadas; empresta sobre penhor de mercadorias e caução de títulos; faz adiantamentos sobre effeitos em cobrança.

Taxas cobradas em depósitos abertos as seguintes taxas:

(1)	Conta Corrente de Movimento	3% ao anno
(2)	" " Limitada até 10000\$	5% " "
(3)	" " " de 15 a 25 000\$	6% " "
(4)	Deposito a prazo fixo:	
	de 12 meses	8%
	" 9 "	7%
	" 6 "	6%
	" 3 "	5%
(5)	Deposito com resgate parcial:	
	de 9 a 12 meses	7%
	" 6 a 9 "	6%
	" 3 a 6 "	5%

Encarrega-se de cobranças e pagamentos nas cidades do interior e demais do país, mediante modica commissão.

as nossas vozes dísticas e a nossa trilha silenciosa.

Só ella saber soffrir, cantando liras e perfumes virgens.

A viola e o zabumba são os únicos instrumentos que traduzem o rhythm e os rancões das nossas fôrças mystéricas...

Nas cordas de viola há o ciclo das leques das palmeiras e a tonalidade metálica das cascas venenosas.

E lá o amor — o amor do norte — amor largo e amor tenaz. O amor que sabe chorar e sabe matar.

A estranha e torçada alma sertaneja só se revela em som na alma cantante da viola.

O que são de outros instrumentos não é o nosso sentimento, não é o nosso coração, não é a nossa terra.

Há na alma do norte, de Pernambuco ao Amazonas, a universalidade de todos os sentimentos: ansia e ideal, brutalidade e doçura, amor e odio, virguez e paixão, mystério e fraqueza, energia e brandura, despojo e resignação, vida e morte, enfim.

Lá há gritos de angos pelas serras e ardorosos gemidos de jureis virgens. Lá berros de touros na vastidão dos campos e resacas de regatos quasi silenciosos.

Não é com réco-récos americanos e flautas do Böhmen que se interpretam essas vozes.

A nossa musica é a musica das matas e das cachoeiras, das serras e das mares virgens.

Tem o silvo das giboias e o arado das pombas mansas. Tem cor de sangue e de ferro e o perfume das estufas que o poeta comparou ao cheiro das madrugadas.

Musica do norte sem sôcos e corridas de cavallos pelo Farwest.

E o côco, o côco sassaricado das noites de S. João não existiria se não existisse a viola.

A viola é alguma coisa que tem vida, que tem coração.

O proprio Deus não desdenha as vezes, de

se esconder na alma vegetal-metallica desse instrumento.

E' o poeta quem afirma:

«Quando o Criador qué se ri
se mette dentro dos ôio
de uma mãe, p'ra feri,
porque sabe que a mãe
ferido mesmo, consola!

Mas porém quando o Sinhô
tá triste, tá com sôdade,
da santa virge Maria,
Deus nosso Sinhô se esconde
nas cordas de uma viola
p'ra chora mesmo a vontade
a sua Malloconia»

Os Tarunas não têm viola.
Os tarunas não são do norte.

Rio, 6-4-925.

Pedro Guedes Alcoforado

SENPIROS

Em conversa, há dias, com o pintor Dakir Porteiros, este fez uma observação curiosa.

Sobre a importancia que se liga ao ensino artistico no Brasil não há coisa mais patente que a escolha do ministro da Justiça. E' intuitivo dizer que o que faz a superioridade de um povo é a sua cultura artistica, que, em synthese, resume todas as culturas. Haja vista, para ir bem longe, o seculo de Pericles...

Entre nós não deve faltar a lei, porquanto, em consequencia, faltaríamos também.

Agora, pergunto-me aquelle artista, já se

indagou de um sujeito, que fosse convidado para a pasta da Justiça, se elle entendia de Arte? De Pintura, de Esculptura, Architectura, etc?

Pois bem. Esse homem, esse Ministro da Justiça, vai dirigir, por via do seu Ministério, a nossa Escola de Bellas Artes, que com ou sem razão, tem sob seus cuidados e competencia o desenvolvimento e guarda do nosso patrimonio artistico.

E pelo regulamento, o sr. Ministro, de quem ninguém soube o critério artistico, tem o direito de reformar, annular ou approvar as decisões do Conselho de Bellas Artes, composto dos melhores e mais competentes professores daquella Escola.

Isto é sério? V. V.

Não há peor caracter do que não ter nenhum.

LA BRUYÈRE.

Licor de Morangos — Qualquer dona de casa pôde preparar um delicioso licor de morangos, usando a seguinte formula:

Alcool a 40°, 200 grms.

Morangos frescos, 200 grms.

Agua fria, 300 grms.

Assucar crystal, 200 grms.

Os morangos devem ser mergulhados no

QUEM GOSTA DE BOLÔS?

(Receitas garantidas contra a carestia da vida)

Bolo do Natal — Meia garrafa de leite, meio kilo de farinha de trigo, 4 gemmas de ovos, 1 copo de vinho Virgem, 2 colheres de manteiga, 1 noz muscada ralada, e 1 colherzinha de bi-carbonato.

Tudo muito bem batido é posto em formas untadas.

Forno bem quente.

Bolo alemão — 4 chicanas (de chá) de farinha de trigo, 4 chicanas de assucar, 4 chicanas de leite, 1 chicara de manteiga derretida, 1 colherzinha de bi-carbonato, 1 colherzinha de cremor tartaro, 5 ovos e um pouco de canela.

Batem-se os ovos como para pão de Ló, e, só na hora de ir para o forno, junta-se a farinha etc.

Formas untadas.

Bolo de leite — 1 kilo de farinha de trigo, 1 kilo de farinha de assucar mal pesado, 1 dúzia de ovos, 2 chicanas de manteiga derretida, 1 chicara de gordura de porco, 1 garrafa de leite, 1 colher de bi-carbonato e canella.

Em primeiro lugar batem-se os ovos com o assucar, juntando-se na hora de pôr no forno, os demais ingredientes, sendo que a farinha por ultimo.

Bolinhos — 2 libras de assucar em calda morna, 1 quarto de queijo ralado, 1 pires de farinha de trigo, 1 dúzia de ovos, meia quarta de manteiga.

Bate-se tudo em uma sopeira e põe-se em forminhas untadas.

NOTA — A libra tem 450 grammas.

A "ERA NOVA" não é indifferente á carestia da vida e, na medida das suas forças, vai dar conselhos praticos aos seus leitores:

Para afugentar as formigas — É sem duvida uma terrivel e incommoda praga a invasão das formigas nos armarios e guarda-comidas.

Entretanto é facilimo afugentá-las. Basta que se colloquem uns bocados de carvão de sobro ou losna nos lugares invadidos, e, sendo possivel, tapar os buracos dos formigueiros com o pó do mesmo carvão.

Limpeza das garrafas — Nem todos têm em casa um punhado de chumbo de caça para lavar as garrafas e vidros e, por isso empregam o sal grosso. Ha, porém, um meio mais economico, que é o seguinte: Introduzir na garrafa pequenos pedaços de papel, mesmo de jornal, e encher pela quarta parte o casco com agua, que deve ser depois agitado energicamente.

O GRANDE REMEDIO BRAZILEIRO NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO RIO DE JANEIRO EM 1922



ELIXIR DE NOGUEIRA.

GRANDE PURGATIVO DO SANGUE
União de extraordinários constituintes. Único que tem a sua attenção na voz do Povo
VENDE-SE EM TODO O BRAZIL E REPUBLICAS SUL AMERICANAS

Exmos. Srs.

Viúva Silveira & Filho

Rio de Janeiro

Amos, e Srs.

Sendo-me pedido o attestado de minha cura, declaro que sofri 6 annos de reumatismo acompanhado de febris, tendo passado mais de 2 annos de cama. Consultei na Bahia uns 9 medicos e usei muitos remedios sem conseguir resultado. Resolvendo ir para um hospital no Recife, quando encontrei-me com o Capitão Francisco das Chagas Monteiro, que me aconselhou não recolher-me ao hospital e tomar o grande remedio ELIXIR DE NOGUEIRA do Pharmaceutico Chimico João da Silva Silveira.

Comprei e usei somente 4 frascos de ELIXIR DE NOGUEIRA conseguindo curar-me radicalmente com este maravilhoso remedio por ser verdade, envio-lhes este attestado acompanhado do meu retrato que poderão fazer o uso que lhes convier.

Povoado do Morro — PIAUHY, 21 — Junho — 1913.

FRANCISCO DE PAULA SOBRINHO

Testemunhas) José Fellosa
) José Andrade da Silva



SR. FRANCISCO DE PAULA SOBRINHO

PIAUHY — Povoado do Morro